

# COMO EU ENTENDO CLARAMENTE VIVOS

## ESPÍRITOS DIVERSOS

Valentim Neto - 2016

(Revisão de expressões e apontamentos)

[neto.aga@gmail.com](mailto:neto.aga@gmail.com)

# Claramente vivos

FRANCISCO-CÁNDIDO ZAVIER - ELIAS BARRICA - ESPÍRITOS INFERIORES



# ÍNDICE

<b>CLARAMENTE VIVOS – PREFÁCIO</b>	<b>5</b>
<b>AS DIFICULDADES NÃO SÃO PARA FEITAS PARA FICAR</b>	<b>6</b>
<b>CREIA, MAMÃE, NINGUÉM ESTÁ SÓ</b>	<b>10</b>
<b>DEIXO O CORAÇÃO CORRER NO LÁPIS</b>	<b>15</b>
<b>DEUS REPARARÁ TUDO</b>	<b>19</b>
<b>ESTOU VIVO E COM MUITA VONTADE DE MELHORAR</b>	<b>24</b>
<b>FILHO DE VOLTA</b>	<b>26</b>
<b>EU QUERO LHE PEDIR PARA NÃO CHORAR</b>	<b>33</b>
<b>MORRER NÃO SIGNIFICA ACABAR</b>	<b>35</b>
<b>NÃO JULGUEM QUE TIVESSE USADO MINHAS MÃOS NO SUICÍDIO</b>	<b>39</b>
<b>NO SEM-FIM DO AMOR IMPERECÍVEL</b>	<b>42</b>
<b>O CÉU É O AMOR COM QUE NOS QUEREMOS UNS AOS OUTROS</b>	<b>46</b>
<b>PEDAÇO DE TERRA PARA CULTIVAR ESPERANÇAS</b>	<b>50</b>
<b>REENCONTRO NA FRONTEIRA DE DOIS MUNDOS</b>	<b>54</b>
<b>SOMOS O QUE SENTIMOS</b>	<b>59</b>

**Assume contigo mesmo o compromisso  
de evitar a irritação.**

**Emmanuel**

## CLARAMENTE VIVOS - PREFÁCIO

Emmanuel  
Uberaba, 27 de junho de 1979.

**Leitor amigo:**

Muitas são as indagações que os companheiros do Plano Físico nos dirigem, relativamente aos assuntos da desencarnação.

\*

**“Viveremos além da morte?”.**

**Poderemos algo saber da sobrevivência?**

**O Espírito desenfaixado do veículo físico prossegue sem maiores alterações?**

**Como deixaremos o corpo de matéria densa, a que estamos habituados?**

**A criatura humana conserva os próprios sentimentos, após liberar-se do casulo de forças condensadas, do qual se utiliza para viver e atuar na Terra?**

\*

**Este livro é uma das respostas do Plano Espiritual.**

**Através das páginas enfeixadas neste volume, toda pessoa de bom-senso reconhecerá que nós outros, os supostos mortos, continuamos no Mais Além, Claramente Vivos.**

**(Apontamentos:**

**Sim! Sempre existem muitas perguntas, mas poucos dão a devida atenção para as respostas corretas, pois gostamos das respostas que nos agradem. Aproveitemos, se quisermos, as colocações deste livro e estudemo-las com carinho, pois muitas respostas às nossas perguntas nele estão.)**

## AS DIFICULDADES NÃO SÃO PARA FEITAS PARA FICAR

Urueno Gonçalves dos Santos

Querida mamãe.

Abençoe seu filho.

Muito estranho para mim o que ocorre.

E não me será possível falar de tantas saudades junta.

Mãezinha Astrogilda; prometi ao meu avô Abel não chorar, entretanto, pense no meu coração como sendo uma represa de pranto. O espaço imenso da separação se repletou gota por gota, e aqui estou como quem não pode deixar de aproveitar a brecha da alegria para vaziar as lágrimas que me correm do peito.

Mamãe, a morte não existe, mas, existe o vazio das noites sem sono, as horas alucinadas de saudade que não se pode descrever.

Eu sei que a nossa fé não comporta desespero.

Nossa fé nasceu numa cruz em que um anjo na forma de um humano ensinou amor e perdão com auxílio da morte.

Eu sei que Jesus nos dará forças e nos sustentará como sempre, entretanto, os amigos que me trouxeram com o vovô Abel e com o vovô Joaquim à frente, sabem que não falto à disciplina.

Mamãe; que filhos não chorarão no reencontro com as mães queridas depois de longa ausência, e que mães não verterão outras lágrimas quando os tomam nos braços para abraçá-los com os beijos sem palavras?

Compreendi isso tudo aí mesmo no mundo, na dedicação que recebi de seu carinho, mas entendo isso muito mais agora, quando a Renatinha está em seu pensamento com a nossa Carmem, que lhe deixei por filha do coração.

A princípio, lutei muito. Os assuntos da morte na Terra são ainda terra devoluta que ninguém se anima a cultivar.

Lembro-me do fim do campo, apenas memorizando a paisagem que me punha perto de arraias, mas a verdade é que a queda do carro num lugar profundo me desorientou completamente. Por muito que procurasse salvar a mim mesmo, qualquer movimento era como que uma sentença a ferir-me de tal modo que a noção de mim se foi como se desmaiasse. O que passou depois, eu não mais sei.

Penso que Deus cria em nossa vida intracraniana; certos nervos de misericórdia que fazem com que nos apaguemos na hora dos grandes sofrimentos.

Seria sono o que senti?

Não sei.

Que depois muitas vozes, mas não via ninguém. Pensava na senhora, em nossa Carminha, nossa querida Carmem Cenira, ansiando tomar-lhes as mãos.

Meu Deus, a gente crê no mundo que isso pode acontecer. Temos notícias de acidentes que parecem remotos e ouvimos descrições de certas provas, como se nunca houvéssemos de ser por elas atingidos.

Mãezinha, os conflitos de seu André foram enormes. Notara que minha voz se erguia da garganta, mas a boca parecia uma porta sem eco.

Chorava de mim para comigo e chamava a senhora e Carmem, como quem desejava a última possibilidade de salvação.

Foi quando vi alguém me tomar ao colo, carinhosamente.

Aquela voz forte e amiga não me enganava, era meu pai Jovelino a pedir-me coragem e fé. Abracei-me a ele, como se me fizesse menino outra vez, e chorei começando a sentir o desmaio a que me referi.

Sonhei com você mamãe, dando ordens para que me buscassem, ouvia suas exclamações lacrimosas, e enxergava a Carmem no sonho, até que tudo desapareceu.

Acordei mais tarde num hospital em que o ar puro me impressionava.

Quis apelar ainda para a ideia de pesadelo, mas os nossos velavam. Meu avô Abel, talvez mais valoroso para erradicar a emoção que me dominava, deu-me a realidade. Perdera o corpo na viagem, decerto, atendendo às leis de Deus que me haviam marcado lugar para aquela ocorrência, mas ainda assim ligando o pensamento para a nossa casa em que havia sonhado tantas alegrias para o mês de maio, escutei seus chamados e, embora contendo os impulsos de humano que aprendeu a vestir-se de aço para enfrentar as dificuldades do coração, chorei muito.

Somente aí; creio eu, pude dar valor real à oração, porque me senti tão fraco e tão pequenino diante do que acontecera, que não havia para mim outra solução, senão apoiar-me na fé.

Pedi a Deus por nós todos, e, aceitando a provação que nos colhera, pude saber que a senhora e vovó Francisca e Carmem Cenira oravam também.

Um bálsamo me aliviou as feridas invisíveis. Depois de alguns dias daqueles exercícios santos, e venho procurando agora, por todos os meios possíveis da minha pequenez, ajudá-las a vencer o que ficou de sombra e pesar, de dias de suplício mental daquele dia onze.

Venho pedir à senhora e à nossa Carmem para que continuem me auxiliando. Preciso ser forte, espiritualmente. Por vezes ainda me sinto naquela fossa em que me precipitei inadvertidamente.

Mamãe; ampare-me com a sua coragem. Carmem agora é sua filha e a Carminha Renata é a filhinha que lhe coloquei nos braços como sendo a única flor que seu filho lhe poderia deixar.

Não pensem que pudesse ter havido alguma força capaz de evitar a queda eu sofri.

O caminho de seu filho devia terminar ali, entre aqueles barrancos movediços.

Vivo agora estudando assuntos da morte dentro da vida, e, mais tarde, poderemos comentar o porquê daquela situação.

Continue; mãezinha, tal qual é, auxiliando aos outros e esperando em Deus.

Deus está no dia claro e nas noites de tempestades, no espinho e na rosa.

Precisamos de muita fé no poder misericordioso que nos faz viver, trabalhar e pensar.

Mãe querida continue. O bem ao próximo com a luz da fé representa na vida o essencial. E os seus sacrifícios por nós serão compensados por Deus.

Não acredite que seus esforços para educar seu filho foram perdidos, que as suas noites de insônia foram vazias.

Nós estamos aqui, mamãe, e sabemos que a sua dor foi a nossa felicidade. A senhora será protegida, como sempre. Ajude Carmem e Carminha, como me ajudou.

Vovó Maria e vovô Pereira pedem muita paciência.

Mãezinha, nenhum esforço no bem está perdido, na vida tem contabilidade certa, mas peça-lhe não chorar e nem pensar em vir mais depressa para cá a fim de encontrar-me.

Tenha serenidade, aquela serenidade que a senhora me ensinou.

As dificuldades não são feitas para ficar, elas são como as nuvens que nunca se fixam, porque o que persevera nos céus de Deus é a luz bendita do sol.

À querida mamãe, à nossa querida Carmem, ao Abel e à nossa querida Carmem Renata, muitos beijos.

Não quero que me considerem morto. Estou vivo e espero tranquilizar-me para trabalhar e servir com segurança.

Vários sacerdotes amigos muito me auxiliaram, inclusive o padre Balduino, de Posse, que afirma carinhosamente ser amigo de nossa família.

Mamãe, a saudade parece estar aqui agarrada entre o meu coração e o lápis.

Quero terminar esta carta, não posso mais ampliar o uso que me concederam do tempo, mas quero dizer à senhora que o ponto final é só na imaginação.

**“Ponto final – Só na imaginação”**

Da excelente reportagem de Márcia Elizabeth de Souza – “a volta de André através de Chico Xavier” -, publicada no jornal O Popular, de Goiânia (1), extraímos a mensagem a que demos o título de “as dificuldades não são feitas para ficar” e os elementos comprobatórios da aludida página mediúnica.

“André, funcionário da Slaveiro S/A de Brasília”, - diz a ilustre repórter – “aos 33 anos de idade, dirigia-se à cidade de arraíais, Goiás, ao volante de seu automóvel”.

Ali, ele venderia máquinas agrícolas.

A 18 quilômetros da cidade, tentou fazer uma curva fechada. Era noite alta e na escuridão não pôde evitar que seu veículo colidisse violentamente com a ponte e os barrancos, tendo morte instantânea.

Quem mais sofreu com seu desaparecimento foi sua mãe, dona Astrogilda Gonçalves Pereira. Católica praticante, ante a insistência de amigos Espíritas, dez meses depois foi a Uberaba, a quatro de março último, onde Francisco Cândido Xavier a recebeu.

Afirmado que dona Astrogilda e seu outro filho, Abel, chegou a Uberaba, e, posteriormente ao Grupo Espírita da Prece, prossegue:

“As apresentações foram rápidas, não tendo sido relatado nenhum pormenor ao médium sobre a vida de André. somente uma sua fotografia 3x4 foi vista por Chico. a entrevista da mãe com o médium não durou mais de dois minutos”.

Para surpresa dos seus familiares, durante as realizações das tarefas mediúnicas, programadas para a noite, Chico recebeu mensagem assinada por Ureano Gonçalves dos Santos (verdadeiro nome de André, apelido carinhoso que recebeu do médico Jairo Ferreira de Castro, quando do seu nascimento, e, usado pelos familiares mais íntimos).

Revelações completamente desconhecidas pelo médium foram trazidas por André, com citações apenas compreendidas pelos seus familiares, tais como:

-mãe: Astrogilda Gonçalves Pereira.

-pai: Jovelino Pereira dos Santos (que morreu em dezembro de 1963, na cidade de Inhumas – GO).

-esposa: Carmem Cenira Miller Gonçalves.

-filha: Carmem Renata Miller Gonçalves.

-vovô Abel: avô materno, já desencarnado.

-vovô Joaquim: avô paterno, também desencarnado.

-vovó Francisca: avó materna, encarnada.

-vovó Maria: bisavó paterna, desencarnada.

-vovô Pereira: bisavô paterno, desencarnado.

-padre Balduino: amigo de André, desencarnado.

\*\*

São tantos os pontos altos da mensagem, doutrinariamente falando, que nos sentimos numa posição de absoluto constrangimento, devemos lembrar ao leitor o que o Espírito nos alerta sobre o valor da oração; a prova inconcussa de que não existe o acaso; a presença amorosa dos familiares desencarnados, o imperativo da conformação para os que prosseguem palmilhando os caminhos do mundo.

Desobrigando-nos de entrar em detalhes sobre semelhantes itens que mereceram o enfoque do autor espiritual, limitamo-nos a tão somente sugerir a todos aqueles que nos prezam com a sua atenção o estudo sistemático das obras de Allan Kardec, tanto quanto se lhes faça possível, refletindo em tudo quanto escreveu o insigne codificador do espiritismo.

Nota: (1) – O Popular, Goiânia, 03/04/77.

(Apontamentos:



**Muitos familiares que tiveram marido, esposa ou filhos desencarnados, principalmente de forma ‘trágica’, ficam decepcionados ao não receberem ‘mensagem’ daqueles que partiram, porém reclamam sem conhecer os postulados Espíritas que lhes explicaria as várias razões dessa ausência de mensagem. A Lei de Deus testa a nossa confiança nos desígnios divinos, sem conhecê-la fica difícil aceitar as ocorrências ‘fatais’!)**

## CREIA, MAMÃE, NINGUÉM ESTÁ SÓ

Marco Antônio Araújo

**Mãezinha Maura.**

**É a sua prece de amor que espero em forma de bênção.**

**Pensamos que há muito tempo sem qualquer intercâmbio entre nós. Sei que você e meu pai guardam essa opinião.**

**Entretanto, se é verdade que a saudade é uma força que a gente supõe capaz de paralisar ponteiros de relógio, o progresso nos dá uma impressão de tamanha velocidade nos dias da Terra, que sete anos se nos afiguram apenas alguns minutos.**

**Alegrias de infância, esperanças de juventude, preocupações de estudos, responsabilidades de rapaz que começa a imaginar os planos de trabalho na carreira escolhida, são hoje telas que ficaram dependuradas nas paredes de nossa memória, enquanto a marcha para frente continua inexorável.**

**Não se admire mãezinha, se lhe disser que estamos tão juntos, quase como ontem, no mesmo campo do dia a dia.**

**Sei tudo o que passou depois daquela viagem frustrada: uma sede enorme de refazimento no lar, a licença de três dias para restauração de forças, um carro alugado às pressas, de parceria com um amigo anônimo, e a queda espetacular do corpo físico, num acidente impossível de se evitar; tudo se dissociou como por encanto...**

**Nem meu pai teria o engenheiro filho, nem você teria o filho engenheiro.**

**A lei do Senhor estava em caminho, à minha espera.**

**Pormenorizar agora os fatos nas minudências do ocorrido é desnecessário.**

**Encontrei um amigo em Dr. Alberto, um novo pai em meu bisavô Joaquim, um protetor em meu querido avô Araújo, e um enfermeiro dedicado no irmão Serapião Ribeiro.**

**Falando com tanta naturalidade sobre o assunto, pode parecer a você que estou fazendo esnobação, mas não é isso. Sofri muito. Hoje, o tempo fez a função do vento sobre um montão de brasas...**

**Aquele fogo de dor cedeu lugar a uma grande paz, e é com essa paz que respondo a todos os seus escritos de amor materno, explicando que estamos hoje mais juntos, que seus ombros ficaram escalavrados de tantas cargas de aflição, e não tenho qualquer dúvida, mas a prece foi a nossa lâmpada acesa, afugentando as sombras.**

**Mãezinha; agradeço tudo o que você me dedica em suas páginas de saudade e carinho.**

**Sei que o papai é o nosso amigo de sempre, no entanto, ouço a sua voz me chamando ao diálogo.**

**Creia, mamãe, ninguém está só.**

**Não é determinação de Deus que a criatura viva inteiramente isolada, sem manifestar os próprios pensamentos.**

**É por isso que depois do casamento de nossa Rose, fiquei muito feliz ao vê-la no Centro Espírita-Cristão, buscando auxiliar ao seu filho na pessoa dos outros. Ah! Querida mãe, esse é o melhor rumo para a verdadeira consolação.**

**Não julgue que eu tenha vindo para cá fora do tempo, porque o tempo é um contabilista que nunca se engana.**

**Sigamos para frente.**

**O verdadeiro parentesco nasce no coração de cada um. Aqui, na vida espiritual, as diferenças são tantas, que não é fácil ganhar a família da Terra. As criaturas se apegam umas às outras, segundo as afinidades com que se apresentam.**

**Por isso mãezinha, venho aprendendo que o trabalho é a outra face do estudo. Não adiantaria conhecer sem fazer.**

**E esse seu exemplo, passando a me procurar nos necessitados, me comove muitíssimo.**

**Sei que você depois de minha vinda, e que as lutas de serviço aumentaram para nós em**

todos os setores.

Mas peço-lhe pensar, não nos obstáculos já vencidos, e sim que podemos abrigar ideias novas e belas em nossos próprios Espíritos.

Não quero dizer com isso que estaremos agindo sem o concurso do meu querido papai João, porque, de um modo ou de outro, ele estará sempre incorporado aos nossos projetos para o futuro.

Peço-lhe não interrogar tanto a Deus por que eu estaria chegando em casa fora das férias.

Estaria usufruindo pedaços de tempo que obtivera junto a colegas de serviço, e queria descansar ao seu lado, e junto da Rose e do papai. Levava comigo vários assuntos para nossos entendimentos. Enfileirara notas, fizera apontamentos...

Entretanto, a ordem não era para mim de repouso compulsório, e sim de mudança definitiva.

Ninguém pode conhecer o minuto próximo.

Por isso, rogo-lhe calma e consolação.

Não se permita chorar tanto.

Fitamos o azul do céu, de Espíritos lavados pelo sofrimento, que nos formou por mestre da vida.

Encontrar-nos-emos mais tarde, em presença e voz. Por agora, permaneça firme em suas concentrações e em suas preces.

Estarei em seu trabalho, durante o dia, e, à noite, quando seu Espírito se desprende do corpo físico, embora ligeiramente, está você em minhas tarefas, como não podia ser de outro modo.

Alegre-se. Cultive o otimismo e a esperança.

Tristeza é uma sombra que apenas prejudica quem a conserva por teimosia dentro do próprio Espírito.

Continuemos contentes, animados e felizes pelas bênçãos de Deus que temos recebido.

Tenho estado em suas tarefas, e procuro exercitar essa yoga de alegria e de esperança, auxiliando aos nossos companheiros, tanto quanto possível, a desfazer nuvens de apreensões e sombras de sofrimento.

Ajude como sempre ao papai na solução dos problemas de nossos tempos, e aconselhe nossa Rose. Ela quer ser psicóloga com palma e vitória, mas não se esqueça de que ser mãe é mais importante. Não desejo expressar qualquer desaprovação à escolha dela. Ela pode realizar as melhores aquisições em psicologia, mas não deve querer começar corrigindo essa ciência de hoje.

Se a psicologia de hoje não aceita a ideia religiosa, ela é livre para servir aos ideais que a enobrecem, oferecendo aos outros o melhor que ela consiga.

Não é interessante que o aluno se manifeste contra o professor quando a colisão das ideias apareça.

Após o título obtido, ela pode indiscutivelmente fazer muito em favor dos outros.

Agora, lutar pelos pontos de vista, pessoalmente, tão nossos, seria o mesmo que alterar o curso de um rio em cujas águas precisamos navegar a favor, pelo menos até o término da viagem.

Há ocasiões de analisar e ocasião de trabalhar.

Rose poderá fazer muito, e estaremos com ela.

Mamãe; diga a meu pai do amor que nos reúne uns aos outros. Ele estará sempre em meu coração, tanto quanto o seu coração maternal está comigo.

Agradeço as flores renovadas à frente de minhas lembranças, e agradeço tudo o que faz em meu favor.

Em Araguari, as nossas tarefas não se modificaram de essência.

Sustentamo-nos reciprocamente.

E sou eu quem agradece todo esse imenso amor que recebo.

Mãezinha, nosso irmão Ascelino ainda não pode comunicar-se através do lápis, mas me pediu dizer à nossa irmãzinha, tia Doralice, que ele vai bem, até que as forças se lhe

refaçam...

Se soubessem na Terra quanto nos valem na vida espiritual as preces de coragem e de paz, decerto que os nossos entes queridos saberiam nos socorrer sem tantas recordações amargas.

Estamos em marcha, marcha para frente, e isso é aquilo de que necessitamos.

Seguir sempre adiante, esquecendo o inútil na retaguarda.

Desse modo, mãezinha, a paz nos felicitará mais depressa.

Agradeço-lhe quanto faz por minha renovação para o bem, e prometo-lhe fazer o possível por você, quando estiver em condições de receber o privilégio de trabalhar mais para merecer mais trabalho, até que o servir se nos faça a alegria perfeita.

Mãezinha; continue avançando otimista e feliz.

Não se desgaste.

Atenda às próprias forças.

Começamos a trabalhar juntos nas tarefas mediúnicas, e isso quer dizer que não me alterarei por aqui, até que você volte.

O que desejo possa ser muito adiante, a fim de que você na Terra viva feliz, no máximo de tempo, em favor de nós todos.

Peço-lhe não registre qualquer falta de notícias minhas, porque coração a coração, vivemos na mesma faixa de sentimentos e ideias, à maneira de duas árvores que se apoiam uma na outra.

Abrace a meu pai com esse respeito no amor que ele cultivou no coração do filho agradecido.

Ao Cláudio, Rose e familinha, o meu afeto constante.

E a você, mãe querida, o pensamento e o amor, o carinho e a saudade-esperança do filho sempre em suas horas, por vida de sua vida e coração de seu coração.

\*\*

### “Prece de amor em forma de bênção”

Tendo solicitado aos confrades; Urbano T. Vieira e D. Ondina a gentileza de entrevistarem os pais de Marco Antônio, em Araguari, recebemos a seguinte carta do primeiro, que transcrevemos, na íntegra:

“prezado Dr. Elias”:

A pedido de nossa comum amiga Dona Maura; fornecemos os seguintes dados, a propósito da mensagem de Marco Antônio:

-biografia:

1) - Marco Antônio Araújo

- nascimento: 19 de agosto de 1943

- desencarnação: 06 de junho de 1971

- cursava o último ano de Engenharia Civil, na Universidade Federal de Belo Horizonte (MG).

- pais: Sr. João Pereira de Araújo e D. Maura Silva de Araújo, residentes em Araguari – MG.

2) - Maura Silva de Araújo: progenitora.

3) - efetivamente, os pais aguardavam há muito tempo a manifestação do filho.

4) - aproveitando recesso escolar, em fim de semana, demandava Marco Antônio o lar em Araguari, para descanso, tendo realizado normalmente a viagem de ônibus de Belo

Horizonte a Uberlândia, onde tomou táxi para Araguari, na madrugada de 6 de junho de 1971, sendo vitimado em acidente fatal (juntamente com outro – Sr. Heleno -, também de Araguari), assim que o carro transpôs o rio Araguari, em perigosa curva.

5) - cursava último ano de engenharia.

6) - Dr. Alberto Moreira; antigo médico, muito humanitário de Araguari, desencarnado em 1956, homenageando a cujos méritos a municipalidade de Araguari colocou seu nome em uma das principais ruas da vida de (rua Dr. Alberto Moreira).

7) - bisavô paterno: Sr. Joaquim Gonçalves de Araújo.

8) - avô paterno: Sr. Sidney Pereira de Araújo.

9) - Serapião Ribeiro: Espírito protetor de inúmeros Centros Espíritas da região.

10) - “Aquele fogo de dor cedeu lugar a uma grande paz e é com essa paz que respondo a todos os seus escritos de amor materno...”. – diz D. Maura: “sempre escrevi bilhetes e poesias, e colocava dentro da gaveta de sua mesa, o que faço ainda hoje”.

11) - Rose: Sra. Rosemari Araújo Paes de Almeida, casada com o engenheiro Dr. Cláudio Paes de Almeida.

12) - no Centro Espírita-Cristão: Centro Espírita Caminho da Luz, Araguari – MG – rua Jaime Gomes, 532.

13) - “Levava comigo vários assuntos para nossos entendimentos”. – Marco Antônio trazia consigo uma pasta com anotações (inúmeras páginas com pensamentos, decisões pessoais, orientações etc.), que foi entregue aos pais, após o acidente.

14) - “Ajude como sempre ao papai na solução dos problemas de nossos tempos, e aconselhe a nossa Rose”. – sendo Marco nove anos mais velho que a Rose e dada a profunda afinidade entre eles, sempre dispensou especial carinho e muito à irmã, tendo mesmo esta recebido a presente mensagem como oportuna e necessária orientação, já que vem fazendo com brilhantismo o curso de psicologia e, efetivamente, entrando muitas vezes em choque com professores em face de aspectos de estudos distantes da religião.

15) - “Nosso irmão Ascelino”: engenheiro, desencarnado há quatro anos, na estrada de Uberlândia a Goiânia, cuja cunhada Doralice (tia paterna de Marco), estava presente à reunião da noite de 12 de agosto de 1978, no Grupo Espírita da Prece.

16) - “Ao Cláudio, Rose e familinha o meu afeto constante”. – o casal Rose - Dr. Cláudio tem dois filhinhos.

\*\*

Aí estão os dados que Dona Maura e eu julgamos oportuno mandar para você. Ela, Dona Maura e seu marido, Sr. João Pereira Araújo, estão ao inteiro dispor para quaisquer outros dados: é só você pedir e mandaremos. Disponha.

Aquele abraço de sempre,

(a) Urbano T. Vieira

Araguari (MG) 15/fev/79.

**(Apontamentos:**

**As comunicações podem e devem ser lidas e entendidas de duas formas: Consolo e orientação. Consolo àqueles que estão cheios de saudades dos que partiram antes, e orientação para todos nós que ainda estamos por aqui, no caso da irmã a orientação é direta!)**

## DEIXO O CORAÇÃO CORRER NO LÁPIS

Luiz Augusto Trita

Meu caro papai; abençoe seu filho.

Antônio Carlos; receba o meu abraço.

Não me sinto ainda perfeitamente reintegrado em mim mesmo. São muitas surpresas juntas. E, com as novidades, os problemas que se agigantam.

Sinceramente, estou a escrever porque o meu avô – bisavô – me impele a receber essa bênção. Ele me sabe aflito, descontente.

Vejo-me na condição do enfermo hospitalizado, espiando todas as oportunidades para um tiro de notícias.

Não sei se as lágrimas me descem dos olhos e ignoro se as minhas alegrias deste momento são vozes por dentro de mim que não consigo trazer ao papel.

Creio hoje que existe um estado emocional em que pranto e júbilo se transfundem numa só expressão.

Aceitem-me assim qual me reconheço agora. Não disponho de meios para burilar esta carta. O tempo avança.

Reconheço-me usando a força de muitos amigos, concentradas na pessoa que me serve de intérprete, e deixo o coração correr no lápis.

Pai; perdoe-me se lhe ocasionei tanto trabalho.

Antônio Carlos; ajude-me, de algum modo ao lado de nossos pais e especialmente da mamãe que ainda não se recuperou.

Despertar por aqui, de improviso; é um problema que tive de enfrentar.

Habitado a guiar sem preocupação, não estava muito atento ao velocímetro dos outros.

Quando esbarrei no elevador e compreendi a extensão do choque, era muito tarde para raciocinar, mesmo porque, embora me sentisse capaz de alcançar as clínicas com o auxílio dos outros e falar algumas palavras, não tive dúvida quanto à hemorragia interna. Por dentro de mim as emoções e os pensamentos se entrecrocavam qual se me visse em meio de vasta corredeira de águas profundas.

Inútil a tentativa de prosseguir explicando, porque as águas da catarata que me esbravejava na intimidade do crânio, eram um redemoinho ensurdecedor para mim.

A princípio, ouvia as pessoas ao meu lado, mas depois foi um sono provocado e repentino a que não conseguia escapar.

Quero dizer, porém, que os meus pensamentos de fé em Deus naqueles últimos lances estavam com a mamãe operada, a quem não desejava alarmar.

E os assuntos da separação de meu próprio corpo físico continuaram sem pausa, até que o sono a que me referi me tomou inteiramente.

Quanto tempo gastei naquele repouso compulsório, não posso ainda saber.

Desejo informar ao papai que o meu avô Trita me havia conduzido para lugar distante. Soube depois que ele estava com enfermeiros daqui para me balsamizarem as dores do choque.

Hoje penso que a pessoa acorda no mundo espiritual à maneira de uma criança quando nasce numa casa terrestre. Se perguntarmos à criança de onde terá vindo, a resposta será silêncio, pois aqui o assunto não é muito diverso. A vantagem daqui é o sofrimento positivo que vai ganhando terreno por dentro de nós, à medida que me conscientizava, sob o olhar do meu bisavô, que não conheci de pronto.

Começava a escutar as preces e as lamentações de casa, e no centro dessas lamentações a imagem de mamãe e papai sobressaíam cada vez mais.

Não foi fácil para eu acreditar que perdera o corpo físico, de vez que aguardava a ideia de haver perdido apenas numa competição de rua.

Pouco a pouco, no entanto, meu avô Trita me bordou um mapa de informações. Era um

mapa auditivo porque, de momento a momento, as informações dele me esclareciam que a minha casa era agora muito outra. Amigos dele me ampararam e ainda me auxiliam.

Somente depois, reconheci que fora conduzido para Tatuí.

Meu benfeitor tivera esse cuidado, alegando que a mãezinha Helena estava muito doente e seria melhor que houvesse mais distância espacial para refazimento, que tem sido demorado.

O professor João Florêncio tem sido um amigo paternal, e estou informado de que me encontro numa escola-hospital criada por aqui, na vida diferente, por afeições das benfeitoras; Dona Chiquinha Rodrigues e Dona Carolina Renoir Ribeiro, que não conheço. Um padre, de nome cônego Clímaco, me prestou muitos serviços.

Meu avô, aqui ao meu lado, é que me determinou:

-“escreva, meu filho, ao nosso caro netinho porque seu pai não se acha muito melhor que sua mãe. É preciso dizer a eles para se apurarem na confiança em Deus. Temos o Antônio Carlos com a esposa e um filhinho e o José precisando da saúde deles, e convém que você se desfaça de qualquer moleza para renovar-lhes a coragem. Diga a seu pai que o Dr. Alberto Seabra não morreu, e vem tratando da restauração de Helena e, ainda agora, desejamos que isso se faça dito ao amigo Dr. José Gonçalves, de quem o Dr. Seabra se serve muitas vezes para o auxílio ao próximo”.

Pai; estas palavras são de meu avô, no entanto, se posso lhe pedir alguma coisa, rogo-lhe confiança em Deus. O Antônio Carlos está aí conosco e será um companheiro para a sua reintegração no trabalho.

Não julgue que algo nos faltará, pense, papai, nos pássaros. Até eles, que parecem criaturas sem rumo certo; possuem vida providenciada por Deus.

Perdoe seu filho, se vim tão depressa.

Acontece que o regresso não estava em minhas mãos.

Fui colhido de tal modo que uma palha na ventania, talvez pudesse resistir mais do que eu.

Entretanto, o seu filho não está morto.

Trabalharei; a vida nova me trará novos caminhos.

Contemplemos o céu. Tanta grandeza verte do alto, que nós humanos não podemos duvidar de que uma porta se nos abrirá para a renovação esperada.

Peço ao senhor e à mamãe muita coragem, e a coragem nasce da fé no poder maior.

Os dias estão passando, mas, nós somos os mesmos brilhando sempre.

Estou ainda chocado, mas otimista.

A esperança que o senhor e a mamãe nos cultivaram no coração, está melhorando. Com essa esperança voltada para Deus, venceremos.

Aqui, tenho encontrado muitos amigos, no entanto, agora preciso terminar.

Aos queridos Antônio Carlos, Milena, e ao pequeno Alexandre, ao José e Isabel, o meu abraço.

O vovô Amaral se faz lembrado com um outro amigo, o irmão Pires de Campos, não sei se Olívio é o primeiro nome.

Escrevo aqui de oitava e não posso me evidenciar, papai, com seu coração e com a querida mamãe, o beijo de muito carinho e respeito do seu filho reconhecido.

\*\*

“Pranto e júbilo numa só expressão”

De nossa entrevista com os pais de Luiz Augusto Trita, na manhã de 27 de maio de 1978, em Uberaba, colhemos os seguintes informes, complementados em carta de 25 de junho de 1979, e dispostos de acordo com a sequência que obedecem no capítulo anterior – “deixo o coração correr no lápis” -, página psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, na reunião pública da noite de 25 de março de 1978, no Grupo Espírita da Prece, exatamente a 1 hora da manhã:



- 1) – meu caro papai: Sr. Antônio de Moura Trita, distinto comerciante e funcionário de banco aposentado.
- 2) – Antônio Carlos: o mais velho dos quatro irmãos.
- 3) – “quando esbarrei no elevador e compreendi a extensão do choque...”. – a 31 de dezembro de 1977, vinha Luiz Augusto da casa da namorada e, no elevador Costa e Silva, em seu Dodge Polara, desviando-se de um Opala, perdeu o controle da direção e foi de encontro a uma Kombi, cujo motorista ficou com ambas as pernas fraturadas. Do Opala, nada mais se soube depois. A senhora mãe de Luiz Augusto, a distinta professora D. Helena Sewaybricker Trita, recolheu, do local do acidente, uma das hastes dos óculos do filho. Talvez por isso, tenha o Espírito se referido ao assunto.
- 4) – avô Trita: Antônio Tricta Júnior, nascido em Porto Feliz, Estado de São Paulo, a 8 de abril de 1887, e desencarnado a 31 de dezembro de 1952. Homem público – político -, administrador e agricultor respeitado na região.
- 5) – mãezinha Helena: cf. O item 3 acima.
- 6) – o professor João Florêncio: Dr. João Florêncio Gomes, nascido em Tatuí, Estado de São Paulo, a 3 de setembro de 1886, e desencarnado a 29 de maio de 1919, era médico famoso, homem ligado à pesquisa científica.
- 7) – Dona Chiquinha Rodrigues: Sra. Francisca Pereira Rodrigues, nascida em Tatuí, a 4 de maio de 1896, e desencarnada a 9 de outubro de 1966. Educadora, escritora, mulher de muita influência política.
- 8) – Dona Carolina Renoir Ribeiro: nascida em Paraisópolis, Estado de Minas Gerais, a 19 de setembro de 1902, e desencarnada a 20 de novembro de 1975. Educadora, escritora, diretora de entidade ligada ao ensino.
- 9) – um padre, de nome cônego Clímaco - cônego João Clímaco de Camargo, nascido em Tatuí, tendo sido batizado no dia 7 de abril de 1838, e desencarnado a 31 de maio de 1905. Era cônego honorário de São Paulo. Deputado provincial, famoso pela sua caridade e humildade.
- 10) – “temos o Antônio Carlos com a esposa e um filhinho, a Isabel e o José precisando da saúde deles...” – o Espírito se refere à D. Milena Vernareccia do Amaral, atualmente, D. Milena do Amaral Trita, esposa do Dr. Antônio Carlos Trita, distinto engenheiro e nosso conhecido do item 2. O filhinho do casal – Alexandre -, na época da entrevista com três anos de idade. José Fernando – 3º. Irmão do Espírito comunicante, estudante de engenharia.  
Isabel Trita – a sua irmã caçula, então com 16 anos de idade.
- 11)- “diga a seu pai que o Dr. Alberto Seabra não morreu...”. – trata-se do famoso escritor, cientista ligado à pesquisa homeopática; médico e psiquiatra espiritualista.
- 12)- vovô Amaral: bisavô – Benedito do Amaral, nascido em São Paulo, a 22 de junho de 1897, e desencarnado a 5 de dezembro de 1968. Comerciante e esportista filiado à Federação Paulista de Futebol.
- 13)- “o irmão Pires de Campos, não sei se Olívio é o primeiro nome”. – Dr. Ovídio Pires de

**Campos, nascido em Tatuí, a 8 de maio de 1884, e desencarnado a 3 de julho de 1950. Médico famoso, diretor da faculdade de medicina da Universidade de São Paulo, membro da academia nacional de medicina e da sociedade brasileira de neurologia; diretor-presidente da sociedade de medicina e cirurgia do Rio de Janeiro e de outras importantes entidades científicas. Foi instituída na segunda clínica médica do hospital das clínicas da Universidade de São Paulo a medalha de ouro professor Ovídio Pires de Campos.**

**Conclusões:**

**1) Luiz Augusto Trita; nasceu em São Paulo, capital, a 9 de agosto de 1954, aí desencarnando a 31 de dezembro de 1977. Cursava o 4º. Ano de engenharia mecânica, na Faculdade Mauá, em São Bernardo do Campo, Estado de São Paulo.**

**Quando perdeu um amigo, em acidente de moto, campeão brasileiro de polo aquático, Luiz Augusto, que não apreciava os velórios, não compareceu ao do amigo, limitando-se a ir ao enterro. Na ocasião, chegou a afirmar que a morte chegava sempre na hora certa; que acreditava numa vida maior; que possivelmente para quem partia, a morte por acidente seria o melhor tipo, para o qual se julgava preparado.**

**Era estudioso e responsável ao extremo.**

**Vendo-o estudar, a senhora sua mãe como que tinha certeza de que ele não se formaria e nem chegaria a se casar. Quando ele fez o vestibular, a ansiedade materna atingiu limites inimagináveis, por causa do estranho pressentimento.**

**Era um rapaz sincero e leal.**

**2) –vovô Amaral, o bisavô de Luiz Augusto, era um comerciante modesto, simples. Alimentava amizade com o professor Dr. Pires de Campos. Nas horas vagas; grande entusiasta do futebol, atuava como juiz nas partidas entre os grupos de médicos, na faculdade de medicina, tornando-se grande amigo deles, principalmente daquele que era detentor de renome internacional.**

**3) - segundo o Sr. Antônio de Moura Trita, Dona Chiquinha Rodrigues e o vovô Trita, quando na Terra, eram rivais políticos. Hoje, como vimos, ambos, no mundo espiritual, se encontram juntos, trabalhando na seara do bem.**

**E, deste modo, mais uma vez; chegamos à conclusão de que, com efeito, a vida continua e, tanto aqui quanto lá, desce sobre nós, a misericórdia divina a nos insuflar esperança, alegria e reconforto, inundando-nos de luz e paz.**

**(Apontamentos:**

**Muitos de nós lemos estas comunicações e as achamos interessantes, pelas informações nelas contidas, mas na maioria das vezes, não interiorizamos essas informações, e continuamos nossa bela vida... Vamos analisar com bastante atenção os informes, eles nos fornecem dados que trarão tranquilidade em nosso desencarne.)**

## DEUS REPARARÁ TUDO

Ilda Mascaro Saullo

Ortensio e Thereza, filhos do meu amor, em primeiro lugar rezamos por toda a nossa família e ao Nosso Senhor.

Ortensio, meu filho, agora, eu estou melhor. Encontro-me num grande hospital com lindo jardim. As paisagens são estupendas, temos tudo o que há de melhor, mas tenho o coração voltado para Salvatores e Domenica.

Deus reparará tudo.

Agora, adeus filhos do meu caminho.

Um beijo da sua mãe.

Ilda.

\*\*

“Agora, eu estou melhor”

Explicando que ambas as mensagens recebidas pelo médium Xavier, em italiano, endereçadas ao Sr. Ortensio Saullo e por ele traduzidas para o nosso idioma, a segunda psicografada na reunião pública do Grupo Espírita da Prece, na noite de 22 de julho de 1978, o Dr. Hércio Marcos C. Arantes, à página 98 do Anuário Espírita 1979, conclui:

Participamos da alegria do Ortensio ao tomarmos conhecimento desse novo “encontro” com sua progenitora, 4 meses após o recebimento da 1.a carta.

Nessa nova carta, D. Ilda descreve o local onde se encontra no mundo maior, em pleno refazimento espiritual. Dirige-se também à sua nora, D. Thereza, presente à reunião de Uberaba; e cita, afetuosamente, Salvatores e Domenica – o esposo e a filha que deixou na Terra.

\*\*

“Acabo de chegar de Roma”

Ilda Mascaro Saullo

Ortensio, filhos do meu coração, acabo de chegar de Roma.

Hoje já me sinto um pouco melhor.

Um beijo em Salvatores e toda família.

Deus com você, meu filho.

Sua mãe.

Ilda.

\*\*

“Deus com você meu filho”

Sobre a mensagem que titulamos por “Acabo de chegar de Roma” e a que constitui o capítulo “Deus reparará tudo”, o Dr. Hércio Marcos Cintra Arantes (1) expendeu os

seguintes comentários:

Na reunião pública do Grupo Espírita da Prece em Uberaba, Minas Gerais, aos 4 de março de 1978, o médium Francisco Cândido Xavier, acabava de receber, noite alta, vários ditados psicografados.

Habitualmente, logo depois, fora de transe mediúnico, ele organizava os pacotes de laudas escritas, separava as mensagens e as lê em seguida. Assim aconteceu. Mas, a última, o destinatário da referida mensagem, é chamado à cabeceira da mesa para recebê-la. No ato da entrega, o médium pediu-lhe para ler e traduzir para o público presente à reunião, pois, a mesma estava escrito em italiano.

No dia em que recebeu esta cartinha, durante a viagem de São Paulo a Uberaba, Ortensio “sentiu que receberia mensagem de sua mãe”. Há 6 meses ele vinha frequentando trabalhos Espíritas e, inclusive, 1 mês antes, tinha estado em Uberaba, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece. Assim, tendo sido testemunha de comunicações mediúnicas dos chamados “mortos”, considerava seus pressentimento algo perfeitamente plausível. No decorrer da reunião esse pressentimento aumentou sensivelmente, até que se tornou realidade”.

Além do conteúdo da mensagem e da grafia em seu idioma pátrio, também o que muito emocionou Ortensio foi a notável semelhança da assinatura final aquela de D. Ilda quando encarnada.

Ortensio Saullo, italiano, reside no Brasil desde 1957. Seus pais, Salvatores Saullo e Ilda Mascaro Saullo, e irmãos, permaneceram na Itália. Atualmente, os seus dois irmãos residem em Roma e a irmã na Suíça. Sua mãe, católica fervorosa, desencarnou a 20 de dezembro de 1977, em Roma, após padecer grave reumatismo e problemas cardíacos que a prenderam no leito ao longo de 40 anos.

(1) – “Chico Xavier psicografou confortadoras mensagens em italiano – mediunidade poliglota é o tema de entrevista com o médium”, Anuário Espírita 1979, pp. 92-100.

\*\*

#### “Posição do lápis durante a psicografia”.

Ortensio observou o seguinte fato interessante: o médium naquela reunião, só quando recebeu a mensagem de sua mãe é que segurou o lápis de forma diferente, isto é, mantendo-o menos inclinado, entre os dedos indicador e médio, e não entre os dedos indicador e polegar como o faz habitualmente, psicografando ou escrevendo fora de transe mediúnico.

Em fevereiro de 1977 tivemos a oportunidade de observar esta particularidade, quando Chico recebeu uma mensagem do Espírito de uma criança. A letra, na 1ª. Página, apresentava caracteres infantis, arredondados, bem diferentes da habitual do médium – e observem o detalhe – só enquanto apoiava o lápis, levemente, entre os dedos indicador e médio. No restante da psicografia, que preencheu dezenas de laudas de papel, o lápis voltou à posição habitual e a letra mudou-se, também, para a habitual.

Tivemos a impressão, na época, de que o lápis naquela posição especial facilitava a atuação do Espírito, permitindo-lhe escrever como na sua última existência terrenas, mas, continuando daquela forma, demoraria muito tempo para que a mensagem fosse transcrita para o papel.

Essa maior facilitação, com o lápis quase solto; entre os dedos indicador e médio, contribuiria para a escrita em idioma desconhecido do médium.

É de conhecimento geral que Chico Xavier não é poliglota, tendo frequentado apenas 4 anos de bancos escolares.

Assim, evidentemente, o público presente àquela referida reunião do Grupo Espírita da Prece presenciou um fenômeno notável de mediunidade poliglota ou xenoglossia (do gr. Xénos: “estrangeiro” + glossa: “língua (linguagem)”, este último termo criado pelo cientista francês, nobelista Charles Richet).

É um fenômeno mediúnicos de muito valor como comprovante indiscutível da realidade do intercâmbio entre os encarnados e desencarnados. Referindo-se a ele, mais especificamente aos casos de xenoglossia obtidos pela psicografia, o pesquisador italiano Ernesto Bozzano, em seu livro *Xenoglossia* (ed. FEB, Rio de Janeiro, 2ª. Ed. 1949, p. 47), afirmou, categórico: “do ponto de vista científico, os casos que formam esta categoria são os melhores, por isso que o texto escrito em língua que o médium ignorava fica, como documento irrefragável, à disposição dos estudiosos”.

Logo após o encontro fraterno com Ortensio Saullo, em Uberaba, aproximadamente 1 mês após o recebimento da mensagem de D. Ilda, abordamos Chico Xavier, expondo-lhe nossas indagações frente ao fenômeno de xenoglossia que acabávamos de tomar conhecimento.

Eis a entrevista:

AE – Chico; temos em mãos a mensagem, em italiano, recebida por seu intermédio, aqui em Uberaba, do Espírito de D. Ilda Saullo. Gostaríamos que nos contasse como a recebeu, considerando o fato inusitado de você tê-la psicografada em idioma estrangeiro?

CX – recebi naturalmente. Esta mensagem foi psicografada mecanicamente, de forma inconsciente, qual ocorre com a maioria das páginas recebidas até hoje por meu intermédio.

AE – Ortensio, o filho de D. Ilda Saullo, observou que você psicografou a mensagem de sua mãe segurando o lápis de modo diferente do habitual, entre os dedos indicador e médio. Qual a explicação para esse fato?

CX – creio que isso aconteceu em vista de maneiras especiais da senhora comunicante, ao escrever por minhas mãos.

AE – Chico; conhecemos aquela célebre mensagem de 1937, que você psicografou em inglês, na Sociedade Metapsíquica de São Paulo, com letras invertidas, mas corretas quando lidas com auxílio de um espelho (1). Outras comunicações, em língua estrangeira, além daquelas recebidas nos E.U.A. (2), foram escritas por seu intermédio? Pode relacioná-las?

CX – em outros idiomas, também recebi algumas mensagens em Pedro Leopoldo. (3)

AE – por outras vias mediúnicas, por ex., pela clarividência ou clariaudiência, você já recebeu mensagens em idiomas estrangeiros? Nesses casos, como as transmitiu aos destinatários?

CX – algumas vezes, recebi mensagens dessa natureza, mas apenas frases curtas que eu lia em páginas do plano espiritual e transmitia aos destinatários, então presentes à reunião em que estávamos, letra por letra.

AE – considerando a importância da xenoglossia, pode nos dizer algo mais sobre esse fenômeno?

CX – não tenho reservas pessoais, específicas, sobre as ocorrências em torno das poucas mensagens, em idiomas diferentes do português, que tenho recebido mediunicamente até agora. Não dispondo de raciocínios profundos para analisar esses fatos, recebo-os, quando surgem, espontaneamente, com o reconforto e a alegria em que me vejo quando consigo psicografar as páginas dos nossos amigos espirituais, em nosso próprio idioma.

**Notas:**

- (1) – ver enciclopédia da Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo, de João Teixeira de Paula, vol. II.
- (2) – as mensagens recebidas em língua inglesa pelos médiuns Francisco C. Xavier e Waldo Vieira, em 1965, nos E.U.A, constituem a segunda parte do livro *Entre Irmãos de Outras Terras*, ed. FEB, Rio de Janeiro.
- (3) – posteriormente, fazendo uma pesquisa na literatura Espírita, encontramos no livro *Trinta Anos com Chico Xavier*, de Clóvis Tavares, edição Calvário, um relato bem elaborado sobre a mediunidade poliglota do médium mineiro. O autor foi testemunha ocular de alguns casos e colheu informações fidedignas de muitos outros, ocorridos em Pedro Leopoldo, permitindo-lhe relatar o recebimento de mensagens em vários idiomas, ignorados pelo médium Chico xXavier, tais como: luxemburguês, alemão, italiano, árabe, grego e castelhano.

\*\*

Paulo Rossi Severino, sob o título “senhora italiana envia do além, através de Chico Xavier, mensagem em italiano, com letra e assinatura semelhantes”, na *Folha Espírita* (2), depois de ligeira introdução onde explica as circunstâncias mediante as quais tomou contato com a mensagem recebida no idioma de Ernesto Bozzano, a quem se refere, afirma:

Da. Ilda Mascaro Saullo, nasceu em 19/11/1906, desencarnando em 20/12/1977, dando sua mensagem 74 (setenta e quatro) dias após sua morte física. Era casada com o Sr. Salvatores Saullo, e teve 4 (quatro) filhos: Antônio, Domenica, Ortensio e Mário, o caçula, nascido após a guerra.

Mulher humilde; enfrentou grandes dificuldades e sofrimentos ao longo de sua existência, nunca se revoltando. Católica praticante; tinha fé inabalável. Apesar de sua luta pela sobrevivência, sempre repartia seu pão com os mais necessitados.

“Quando criança; esclarece o Sr. Ortensio ouvia papai a lhe pedir: - Ilda; procure poupar um pouco para a nossa velhice, e ela lhe respondia com bondade: “Jesus não nos abandonará”. Além das grandes dificuldades que passávamos, por volta de meus 30 (trinta) anos, começaram os problemas sérios de saúde. Ao chegar o tempo da última guerra, as suas crises cardíacas foram se acentuando; lembro-me que durante a noite no período da guerra, ao soarem as sirenes de alarme, indicando bombardeio, todos deveriam se proteger nos abrigos subterrâneos. Mamãe, porém, nos recolhia junto dela no andar térreo do prédio onde morávamos. Não podíamos nos juntar aos demais no abrigo, pois ela sentia falta de ar. Sempre que isso acontecia, ela nos ensinava a orar, até o término do bombardeio. Quando terminava, ela tinha crise cardíaca, devido à tensão e angústia por que passava. Nas crises era socorrida pelos filhos, pois papai prisioneiro de guerra por quase 4 (quatro) anos. Passamos privações e grandes dificuldades. Eu, com apenas 8 (oito) anos de idade já estava enfrentando a vida para ajudar em casa. Assim passaram os anos, e a sua saúde cada vez mais agravando, com reumatismo, problema cardíaco e diabete. Não mais saiu de casa, ficando todo o tempo no leito. Com a minha vinda para o Brasil, o seu coração já muito doente, agravou-se, sentido a separação, pois éramos muito ligados; depois de um ano mais ou menos, trouxe-os para cá. Permaneceram no Brasil por 3 (três) anos, mas foram forçados a retornar, pois mamãe não se adaptava ao clima de São Paulo, tendo mesmo agravado seu estado de saúde. Prometi-lhe que regressaria tão logo fosse possível, porém, ela sabendo do meu noivado, afirmou que meu lugar era aqui mesmo. Lembrando o seu pensamento, quando falava com papai, que Jesus não a desampararia, isto de fato aconteceu, porque ela sempre foi amparada, por seus filhos. Onze anos depois, em 1970, fui visitá-la, encontrando-a feliz por me ver, mas sempre doente pouco saindo de

seu leito. Sempre apegada ao seu terço e às suas orações, recebia as suas comunhões no leito, onde duas vezes por semana, era visitada por um padre da capela próxima. Nunca demonstrou qualquer sinal de revolta ou angústia, pela doença que há anos a mantinha no leito. Regressei em 1975, quando ela me mostrou um caroço surgido no seio.

Em junho de 1977, viajei novamente para lá, e sua alegria era tanta, que suas lágrimas demonstravam uma possível despedida. Naquela ocasião minha esposa e eu, estávamos frequentando e lendo os livros de filosofia orientalista. Procurei transmitir a mamãe em seu leito de dor, os ensinamentos que havíamos aprendido. E na leitura da sutra sagrada, eu a fazia repetir que era filha de Deus perfeita, e que não havia doença em seu corpo físico. Após vários dias de repetição de certos trechos, ela me disse: “filho, você me pede para repetir tantas vezes que estou perfeita, que a doença não existe, quando eu estou muito doente e cheia de dores. Filho; estou cansada, peço a Jesus que me leve, pois não aguento mais. Só tenho pena de seu pai, pois você já tem sua família constituída”.

Em setembro de 1977, com o caso gravíssimo de saúde de minha esposa, fomos encaminhados ao Chico Xavier, para nos ajudar na decisão, e fomos iluminados porque sua orientação abriu novos caminhos em nossas vidas. Em dezembro de 1977, dia 22, fomos avisados por telefone do desenlace de mamãe. Consegui chegar ao enterro no dia 23 em Roma. De volta ao Brasil, fui à casa de nosso querido irmão Chico Xavier, que sempre nos acolhe com imenso carinho e amor. Pedi notícias de minha querida mãezinha, a resposta dizia: “que se encontrava em refazimento espiritual com a ajuda de seus familiares. Em outra oportunidade recebemos a mensagem”.

**Escrita em italiano com semelhança de letra.**

Da outra vez, no entanto, a mensagem veio em italiano, através do lápis de Francisco Cândido Xavier.

O Sr. Ortensio disse-me que o pai e os irmãos foram avisados do recebimento da mensagem. Eles aceitam a autenticidade, mas como desconhecem o fenômeno da psicografia, o Sr. Salvatores Saullo, virá ao Brasil, procurando conhecer melhor o ocorrido, D. Maria Teresa; acredita na autenticidade, em primeiro lugar, porque foi recebida em italiano; em segundo lugar, pela semelhança flagrante da letra, da assinatura, como também de frases peculiares, que podem se comprovar pelas suas cartas recebidas periodicamente. E ainda – segundo o Sr. Ortensio – pela citação do nome de seu sogro Salvatores Saullo.

(Apontamentos:

Tudo para comprovar aos encarnados que a vida no mundo espiritual é plena de movimento, não é de postura reverencial perene, é de trabalho e estudos!)

## **ESTOU VIVO E COM MUITA VONTADE DE MELHORAR**

**Maurício Garcez Henrique**

**Querida mamãe, meu querido pai, querida Maria José e querida Nádia.**

**Estou em oração, pedindo para nós a bênção de Deus. Não posso escrever muito, venho até aqui, com meu avô Henrique, só para lhes pedir resignação e coragem.**

**É preciso nos lembramos de Deus, nos acontecimento da Terra. Não sei bem falar sobre isso, estou aprendendo a viver por aqui, embora já saiba que saí daqui mesmo para nascer com meus entes queridos, na Terra.**

**Peço-lhes não recordar a minha volta para cá, criando pensamentos tristes. O José Divino e nem ninguém teve culpa em meu caso. Brincávamos a respeito da possibilidade de se ferir alguém, pela imagem no espelho; e quando eu passava à frente de minha própria figura, refletida no espelho, sem que o momento fosse para qualquer movimento meu, o tiro me alcançou, sem que a culpa fosse do amigo, ou minha mesmo. O resultado foi aquele.**

**Hospitalização de emergência, para deixar o corpo físico longe de casa.**

**Se alguém deve pedir perdão, sou eu, porque não devia ter admitido brincar, ao invés de estudar.**

**Mas meu avô e outros amigos me socorreram e fui levado para Anápolis, para ser tratado por uma enfermeira que dirige uma escola de fé e amor ao próximo, que nos diz ser a irmã Terezona, amiga das crianças.**

**Soube que ela conhece meu avô e nossa família, sendo agora uma benfeitora, que preciso agradecer e mencionar.**

**Quanto ao mais, rogo à Nádia e à Maria José, minhas queridas irmãs, para não reclamarem e nem se ressentirem contra ninguém.**

**Estou vivo e com muita vontade de melhorar.**

**Queridos pais, tudo acontece para o nosso bem e creio que seria pior para mim se houvesse enveredado pelos becos dos tóxicos, dos quais muito pouca gente consegue voltar sem graves perdas do Espírito.**

**Estou com saudades, mas estou encarando a situação com fé em Deus e com a certeza de um futuro melhor.**

**Recebam; querido papai e querida mamãe, com as nossas queridas Nádia e Maria José, e com todos os nossos, um abraço de muito carinho e respeito, do filho que lhes pede perdão pelos contratempos havidos.**

**Prometendo melhorar, para fazê-los tão felizes quanto eu puder, sou o filho e o irmão saudoso e agradecido.**

\*\*

**“A bênção de deus”**

**Da página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública, a 27 de maio de 1978, em Uberaba, transcrevemos, leitor amigo, apenas as seguintes notas elucidativas, que a acompanharam, no Anuário Espírita 1979 (1):**

**1- Maurício Garcez Henrique – nascido em Goiânia a 19/12/60. Filho de José Henrique e Dejanira Garcez Henrique.**



Iniciou sua vida escolar no Colégio Padre Donizete, frequentando posteriormente o SESC de Campinas, o Instituto Lúcio de Campinas, o colégio estadual Assis Chateaubriand e concluindo o curso ginásial no Castelo Branco, em dezembro de 1975.

Em 1976, quando desencarnou a 8 de maio, preparava-se para o vestibular no curso intensivo do colégio Carlos Chagas.

Sua breve e saudosa passagem terrena foi caracterizada por uma personalidade extremamente carinhosa, alegre e saudável, marcada por um Espírito caridoso e de profunda compreensão da igualdade de todos.

2- Nádia Conceição Henrique e Maria José Henrique – irmãs de Maurício.

3- vovô Henrique – Apolinário Henrique. Avô paterno de Maurício, já desencarnado.

4- Terezona – Maria Tereza de Jesus: fundou em Anápolis a romaria de São Bom Jesus da Lapa nos idos de 1913. Segundo informações colhidas com o avô materno de Maurício, Sr. Humberto Batista, que conheceu pessoalmente Terezona, ela realmente se dedicava em auxiliar as crianças.

Nota: (1) – Anuário Espírita 1979, IDE, Araras, SP, pp. 85-87.

(Apontamentos:

Pode existir, mas nunca li nenhuma citação nas comunicações familiares, a existência de Espíritos ‘vagabundando’ no mundo espiritual. Nos livros de André Luiz há citações de Espíritos ‘parados’, exercendo seu livre-arbítrio, mas são situações específicas de Espíritos que se encontram em desequilíbrio, a maioria necessitando de reencarnes para duros reajustes.)

## FILHO DE VOLTA

Milton Higinio de Oliveira

Mãe querida, meu pai; peço para que me abençoem.

Tudo está claro diante da memória.

Havia regressado do clube, sem haver cometido qualquer extravagância. Estava sóbrio, pensando, pensando...

À noite de alegria não me alcançara o Espírito e retirei-me, de volta a casa. Queria descanso, paz.

O cérebro era um turbilhão de sombras, como se essas sombras estivessem esbraseadas por chamas de ideias contraditórias que me turvavam o discernimento.

Muitas vezes, nos dias que antecederam o meu gesto impensado, imaginara que a vida não era um campo adequado para mim.

As lições dos tempos de menino me freavam os impulsos. O anseio do fim para os meus conflitos de rapaz chegara, naquela noite, ao ponto mais alto. Queria os companheiros e sentia sede de solidão ao mesmo tempo.

Voltei com a certeza de que mantinha o controle de meus próprios pensamentos, ignorando que forças diferentes se impunham ao meu cérebro. Não quero dizer que me via sem responsabilidade, à maneira de um barco sem remo e sem direção. Minha parte de recursos mentais em qualquer decisão era uma faixa muito grande que poderia movimentar, em meu próprio auxílio, mas, exagerava os meus obstáculos de rapaz inexperiente e isso punha em risco o governo da minha própria vontade.

Entrando em casa, lembro-me perfeitamente que a televisão apresentava outra festa. Era um concurso de misses, que interessava à nossa querida Ipe. Eu que saíra de um ambiente de alegria calma, encontrava outro de carinho tranquilo, em que o tom festivo comandava as manifestações.

Pensei na senhora, mamãe; refleti no papai, meditei na vida e somei todas as minhas inquietações, conseguindo certa média errada.

Não coloquei as bênçãos que eu possuía na conta em que me isolava por dentro de mim mesmo; agi, como quem, num abençoado carinho, não visse o céu, nem sentisse o ar puro, não admirasse a natureza e nem guardasse qualquer ideia dos tesouros de afeto que Deus me concedia no lar, detendo-me, unicamente a enfileirar poeira e lama, pedras e espinhos da estrada para retirar uma equação positivamente falsa das parcelas infelizes que ajuntava e, desmemoriado, a deixar-me influir por inteligências estranhas à minha faculdade de julgar e de observar, por mim próprio, esqueci momentaneamente quanto devia aos familiares e amigos queridos, e penetrei o quarto, decidido a perpetrar o meu engano derradeiro...

Superexcitado, recordo que em luta com as forças que me oprimiam, ainda me restava um recanto de compreensão na cabeça e escrevi qualquer cousa, para retirar dos meus qualquer noção de culpa, e de mão suplementada por mão invisíveis, disparei o gatilho. Tudo, num instante, baqueou diante de mim, sem entender que eu mesmo é quem baqueava...

Quis gritar por seu carinho, querida mãe, no entanto, o sangue me invadia todos os agentes de comunicação, à maneira das águas repentinamente desatadas numa represa longamente fortalecida.

Alguns minutos; estive eu mesmo, a sós comigo, vendo e ouvindo o que se passava.

Não sei bem se foi a Ipe que se aproximou primeiramente de mim, mas ouvi as suas palavras, mamãe, quando as suas mãos estenderam para as minhas.

Nunca me senti tão fraco e tão longe dos seus exemplos de fortaleza e entendimento da vida, como naqueles minutos inesquecíveis, em que me reconhecia, realmente, iludido e covarde.

Perdoe, mamãe, se me lembro dessa palavra “covarde”. Realmente, me reconhecia covarde, sem desculpa, sem justificação.

Uma ânsia temível de voltar no tempo se apoderou de mim... Queria novamente falar com a senhora e com meu pai, desabafar o coração, despreocupar-me da arma e conversar sobre o que me levava às perturbações de que me via possuído, entretanto, era muito tarde...

Notei que braços fortes me transportavam para fora. Ouvi vozes que me pareceram do meu tio Arnaldo, do Nelson e do Carlinhos...

A dor se aliava com a aflição, em meu cérebro, e não conseguia ver mais nada desde que me observei colocado quase inerte num carro... Os movimentos do auto com que sacudiam, e perdia a noção de mim mesmo... Despertar foi um sofrimento muito mais agudo... O sangue não esgotara...

Só muito tempo depois; vim, a saber, que os filetes de sangue que me desciam da ferida feita por mim mesmo, tinham a vida de meu próprio arrependimento, estampado na memória.

Muito a custo, percebi, entre os que me tratavam, na casa de socorro, em que me supunha vivo em meu corpo físico, tanto quanto antes da triste ocorrência, a presença da vovó Hipólita e do meu avô Manoel, que me cercaram de atenções.

Envergonhado, não conseguia fitar-lhes a face protetora, porque eu não sabia se chorava ou se devia dar vazão aos gritos de minha angústia, porque as dores de cabeça eram tão vivas como se eu estivesse em nossa casa mesmo.

Recebi o amparo de muitos amigos, mas, sem que eu saiba, a extensão do tempo em que perdurou a minha perturbação, passei ao domínio de mim próprio, quando um médico de minha nova vida veio ao meu encontro, evidentemente atendendo as rogativas de minha avó Hipólita, que é hoje para mim outra mãe.

Ela me disse que esse benfeitor é o Dr. José Ferreira que, por sua vez, me perguntou se eu era filho de João Ponciano... Esforcei-me para coordenar os pensamentos, e recordei o Oliveira do papai.

Tudo ficou esclarecido e comecei a melhorar, mas não posso ainda me fixar em excesso nas lembranças que estou relacionando, porque uma sensação de queda me vem de imediato à vida mental e confesso que, há mais de um ano, estou me preparando a fim de escrever esta carta.

Mamãe querida; querido papai; perdoem-me.

Recebi tanto e peço mais.

Rogo para que me esqueçam a falta cometida, e cometida sem razões justas, porque bastaria que eu tivesse suficiente coragem para me afastar de certos relacionamentos e de certos anseios de rapaz mentalmente despreparado para aguentar determinadas lutas íntimas, e teria vencido em mim mesmo as influências nocivas que me atacavam... Aqui nestas linhas, escrevo com minhas próprias lágrimas em forma de letras... Desculpem o filho fraco e sem memória que fui, e lembrem-se de que os amo, de que nunca me esqueci das bênçãos que recolhi de casa e do imenso carinho com que me enriqueceram a vida.

Mãe, não pense que as suas recomendações houvessem sido demasiado severas para mim. Suas opiniões foram sempre à lógica iluminada do coração materno, quando enraizado na fé em Deus.

Todos os seus conselhos visavam à nossa paz. A senhora e meu pai a tudo renunciaram na vida para que nós, os filhos, fossem felizes.

Ah! Ninguém por aí consegue imaginar como dói o remorso de não havermos valorizado a dedicação dos que nos amam, quando já não dispomos de meios para retificar os nossos próprios gestos. Nossa casa nunca foi tão rica e tão feliz para mim como agora, em que a deixei.

Mas a bondade de Deus me permite dizer isto aqui, de modo a confirmar-lhes que melhorei para ser quem devo ser.

Perdoem se me confundi em tantos espinheiros de incompreensão, dos quais devia ter afastado os meus pés.

Compromissos que não podia assumir para comigo mesmo se enrolaram de tal maneira por dentro de mim que, embora eu tivesse todos os recursos à minha disposição para o retorno à tranquilidade, não consegui evitar a queda, em que me projetei num círculo de conflitos maiores, muito maiores do que aqueles que eu imaginava na Terra não conseguir suportar.

Pouco a pouco, vou melhorando.

Agradeço todo o amor com que me recordam.

Aquelas preces e aquelas flores no ponto em que ficaram minhas derradeiras lembranças são semelhantes a estações de um telégrafo pelo qual me enviam as mensagens e orações que me endereçam.

Escorado no carinho dos pais queridos é que vou encontrando novas razões para reaprender ensinamentos de que, por minha infelicidade, cheguei a esquecer.

Sempre compareci com outros amigos às horas de comunhão simples em que nos achamos, uns à frente dos outros.

Quando visitarem o lugar de recordações a que me refiro, coloquem, por favor, a luz de uma prece pelos irmãos Ernesto e Antônio Augusto, que deixaram as suas próprias lembranças ao lado das minhas.

A vida na morte não é morte na vida e sim mais vida, a desafiar para viver intensamente.

Mãe; peço ao seu carinho zelar por nosso querido Nelsom, como se ele fosse o meu substituto real em tudo, nos assuntos da vida e da família. Hoje, aprendo de novo a tomar contato e rogo a Deus para que ele e Ipe estejam livres das influências que pesaram tanto sobre mim.

À nossa querida Madalena, que até hoje me recorda nas orações, o agradecimento de quem é agora para ela um irmão reconhecido.

Estimaria recordar todos os amigos e todas as amigas com as minhas notas de alegria, como de outras vezes, mas ainda não consigo disposição para falar em bom humor, quando tanto trabalho espiritual por dentro de mim está me compelindo a uma longa revisão de meus próprios assuntos.

Se alguma de minhas amizades se referir a qualquer nota de receio quanto à minha volta, em Espírito, de vez que com muita gente brinquei afirmando que retornaria da morte para dar-lhes sinais; peço seja dito para que não se preocupem. Aqui, nos ensinaram à força para a verdade, porque os sinais da verdade alcançarão a todos, algum dia.

Ainda assim, quando puderem ver o nosso estimado Gão, rogo digam a ele que tomei o ônibus errado e que ele me represente, junto das nossas afeições, afirmando que estou formulando votos pela felicidade de todos.

Pai, o vovô Manoel está presente com um amigo que nos dedica especial atenção. Atende esse benfeitor pelo nome de Donato Cicci, e creio que o senhor poderá recordá-lo.

Deixo aqui para a tia Carmem, para o tio Antônio, para a vovó Dolores, vovô Higino e vovó Otávia, e para com todos os nossos familiares, um grande abraço que procuro centralizar na pessoa de nosso Eurípedes, que hoje estou compreendendo melhor.

Agradeço aos amigos que vieram orar conosco.

Mamãe sabe que estou aguardando a minha própria maturação para aproximar-me dessa bendita doutrina que aí mesmo no mundo, nos ensina a tratar com a vida e com a morte, em termos de segurança.

Muito carinho ao Nelson e Maria Eurípedes, de que sou grato às preces e bons pensamentos de todos os amigos em meu favor.

E agora, querida mãe; chegou o instante do “até depois”.

Receba com papai todo o amor do filho que lhes roga perdão, com a certeza de que já me desculparam e sempre me protegerão na caminhada para frente.

Recebam meus queridos velhos sempre mais moços pelo coração, toda a vida repleta de carinho e esperança do filho que os ama cada vez mais.

1000ton

\*\*

### “Suicídio e responsabilidade”

De nossa visita aos pais de Milton – Sr. João Batista de Oliveira e D. Maria Higino Batista -, residentes em Uberaba, na tarde de 30 de dezembro de 1978, resultou a segunda série de itens sobre o capítulo anterior – “filho de volta”:

1- Milton Higino de Oliveira, que sempre assina 1000ton em seus bilhetes, inclusive no que deixou como despedida para os pais, nasceu e desencarnou em Uberaba, respectivamente, a 21 de fevereiro de 1947 e 30 de julho de 1972.

Seis meses antes da ocorrência, trabalhava numa casa de peças para tratores.

Fazia o último ano do curso técnico de contabilidade, no Colégio São Benedito.

2- “havia regressado do clube, sem haver cometido qualquer extravagância”. – com efeito, seus pais e a Srta. Maria Eurípedes – sua irmã -, confirmam este tópico, inclusive a referência ao concurso de misses a que ela – Ipe – assistia pela televisão.

3- “não quero dizer que me via sem responsabilidade, à maneira de um barco sem remo e sem direção. Minha parte de recursos mentais em qualquer decisão era uma faixa muito grande que poderia movimentar, em meu próprio auxílio”. – A propósito, vejamos o que diz Allan Kardec, na Revista Espírita 1867 (1):

“lendo o romance (l’ assassinat du pont-rouge) do Sr. Charles Barbara, poder-se-ia crer que fosse Espírita fervoroso. Entretanto, não o era. Como dissemos, morreu numa casa de saúde, atirando-se pela janela num acesso de febre cerebral. Era um suicídio, atenuado pelas circunstâncias. Evocado pouco tempo depois na sociedade de Paris, e interrogado quanto às suas ideias tocante o Espiritismo, eis a comunicação dada a respeito”:

(Paris, 19 de outubro de 1866 – médium, Sr. Morin).

Permiti, senhores, a um pobre Espírito infeliz e sofredor, vos pedir autorização para vir assistir às vossas sessões, todas de instrução, de devotamento, de fraternidade e de caridade. Sou o infeliz que tinha o nome de Barbara e, se vos peço esta graça, é que o Espírito despojou o homem velho, e não se crê mais tão superior em inteligência, que se julgava em vida.

Agradeço-vos a vossa chamada e, tanto quanto estiver em mim, vou tentar responder à pergunta motivada por uma página de uma de minhas obras. Mas eu vos pediria, previamente, comunicar o meu estado atual, que se ressentia fortemente da perturbação, aliás, muito natural, que se experimenta ao passar bruscamente de uma a outra vida.

Estou perturbado por duas causas principais: a primeira é devida à minha provação, que era de suportar as dores físicas que experimentei, ou antes, que meu corpo experimentou, quando me suicidei. – sim senhores; não temo dizê-lo, eu me suicidei, porque se meu Espírito estava perdido por momentos, eu o recuperei antes de me arrebentar na calçada, e, disse: tanto melhor!... Que falta e que fraqueza!... As lutas da vida material estavam terminadas para mim, meu nome era conhecido, não tinha mais senão marchar à via que me era aberta e tão fácil de seguir!... Tive medo!... Entretanto, às horas de incerteza e de desencorajamento, tinha lutado apesar de tudo. A miséria e suas consequências não me tinham desanimado e foi quando tudo estava acabado para mim, que exclamei: o passo está dado; tanto melhor!... Não terei mais que sofrer! Egoísta e ignorante...

4- “superexcitado, recordo que em luta com as forças que me oprimiam, ainda me restava um recanto de compreensão na cabeça e escrevi qualquer coisa, para retirar dos meus qualquer noção de culpa e de mão suplementada por mãos invisíveis, disparei o gatilho”.

- A existência do bilhete-despedida foi confirmada pelos familiares. -

5- “perdoe, mamãe, se me lembro dessa palavra covarde”. “– de fato, ao defrontar-se com o filho a se esvaír em sangue, eis o que lhe disse a genitora”:

- Oh! Meu filho! Covarde! Se você tinha tantos problemas, por que não me falou? Nós resolveríamos juntos!

6- aquelas preces e aquelas flores... – todos os domingos, a família de Milton nunca deixou de lhe levar flores ao túmulo.

A esse respeito, D. Maria nos conta que numas das visitas do médium Xavier ao cemitério local, indo ao recanto onde repousam os restos mortais de Milton, o Espírito deste rogou ao Chico para lhe presentear com rosas, de vez que os Espíritos amigos estavam retirando recursos medicamentosos delas, com vistas a reequilibrá-lo no plano extra-físico.

Semelhante fato vem nos lembrar de que na Terra – por enquanto mundo de provas e expiações -, não podemos criticar essa ou aquela atitude tomada por alguém, cabendo-nos, antes, abençoar todas as criaturas com as características que lhes são próprias.

Deve se recordar o prezado leitor que o Espírito de Almiro, no cap. 3 de Presença de Chico Xavier (2), roga à esposa se abster de levar qualquer lembrança ao túmulo.

E no livro Entre Duas Vidas (3), o Espírito do então garoto Jáder Eustachio Guimarães de Macedo pede aos pais transformarem as rosas em pão.

Não existe contradição alguma. Apenas situações diferentes vividas por Espíritos residentes no mesmo plano – o extracorpóreo -, a recordar-nos que a tudo devemos apor a nossa bênção, e que tudo está certo nos caminhos de Deus.

7- tio Arnaldo, Nelson e Carlinhos: os que prestaram os primeiros socorros ao jovem suicida, além de seu pai.

Trata-se de: Arnaldo e Carlos Higinio dos Reis.

Nelson: irmão de Milton e distinto funcionário da Polícia Federal Rodoviária, dono da arma de que se serviu o jovem para forçar os umbrais da desencarnação.

8- vovó Hipólita e meu avô Manoel: D. Hipólita dos Santos, bisavó materna, já desencarnada.

9- Dr. José Ferreira: trata-se do Dr. José de Oliveira Ferreira, destacada figura da medicina Uberabense. Nasceu em Uberaba, a 13 de agosto de 1864, “à Rua Manuel Borges (antiga Rua direita), onde hoje se encontra a casa de número 43”, segundo o Dr. José Mendonça (4) desencarnado a 2 de julho de 1951.

Foi grande benfeitor da Santa Casa de Misericórdia de Uberaba, onde prestou serviços gratuitos, de 1895 até à desencarnação, e quem conseguiu dotar a cidade com a luz elétrica, cujos serviços foram inaugurados a 5 de janeiro de 1905.

“era um humano de estirpe”, - lê-se na primeira página do livro lavoura e comércio (5) – “um autêntico representante da aristocracia dos valores, o que hoje encerrou a sua trajetória por este mundo”.

Foi um bom, na expressão exata do vocábulo, e um elemento que soube ser sempre útil aos seus e à grande família uberabense e triangulina.

Existe uma rua com o seu nome, e o único educandário da campanha nacional de escolas da comunidade existente em Uberaba, se chama “Escola da Comunidade Dr. José Ferreira”.

Nos idos de 1943, a genitora do comunicante, segundo informação dela, D. Maria Higinio, trabalhou em serviços domésticos na residência do Dr. José Ferreira.

**10- filho de João Ponciano:** na verdade, a família do Sr. João era conhecida como Ponciano, por ter sido originária do patrimônio dos Ponciano, município de Conceição das Alagoas, Estado de Minas Gerais.

**11- irmãos Ernesto e Antônio Augusto:** o túmulo de Milton, com efeito, se encontra entre os dois citados irmãos.

Pesquisando no cartório de registro civil, constatamos:

A) – Ernesto Felício Manso (23 de dezembro de 1917 – 19 de julho de 1972).

B) – Antônio Augusto de Oliveira (14 de fevereiro de 1910 – 28 de julho de 1972).

**12- nossa querida Madalena:** jovem muito estimada pelo Milton.

A propósito do valor da prece, consultemos o no. 997 de O Livro dos Espíritos, e o no. 8 do cap. II, e nos. 5 a 15 do cap. XXVII de O Evangelho Segundo o Espiritismo, ambos de Allan Kardec.

**13- nosso estimado Gão:** o Espírito se refere a Jairo Salerno, hoje estudante de medicina, em Barbacena, Estado de Minas Gerais.

**14- Sr. Donato Cicci:** nasceu em Pettorano, Sul Gizio, Itália, a 26 de março de 1891, e desencarnou em Uberaba, onde foi comerciante e industrial muito benquisto, e onde existe uma rua com o seu nome, a 25 de maio de 1968.

Segundo o Sr. João, o avô de Milton era carroceiro e, com certeza, fez carretos para o Sr. Cicci.

**15- tia Carmem:** D. Carmem Higino dos Reis, tia materna.

**16- tio Antônio:** Sr. Antônio Santos, filho de D. Hipólita e tio de D. Maria, mãe do comunicante.

**17-vovó Dolores e vovô Higino:** avós maternos, residentes em Uberaba.

**18- vovó Otávia:** D. Otávia Benedita dos Reis.

**19- nosso Eurípedes:** o Espírito se refere ao seu primo, o Dr. Eurípedes Higino dos Reis, distinto cirurgião-dentista uberabense.

**Conclusões:**

A mensagem de 1000ton, recebida em sessão íntima, na noite de 10 de agosto de 1978, que enuncia detalhes, passagens e nomes absolutamente desconhecidos do médium, ostentando, por isso mesmo, o seu cunho de autenticidade, é, do ponto de vista doutrinário, muito importante, porque vem confirmar os itens 14 e 17 do cap. V, de O Evangelho Segundo o Espiritismo.

Segundo a genitora de Milton, este afirmava: 1- “não tenho religião, mas acredito no Chico Xavier”. – 2 – “se a morte for um descanso, eu prefiro morrer cansado”.

Nunca demonstrou, ostensivamente, qualquer tendência para o suicídio.

Ora, o que podemos concluir de tudo isso?

Que ao Milton faltou a resistência espiritual conforme ele próprio reconheceu válida a opinião materna a seu respeito, nos últimos momentos do corpo físico.

Que todos os pais de família, portanto, procurem combater a propagação das ideias materialistas – “o veneno que inocula num grande número de pessoas o pensamento de suicídio” -, com a divulgação da verdade Espírita, através de mensagens volantes, do livro e do próprio exemplo.

Seguindo a orientação da psicologia oficial no que for possível, mas e principalmente,

procurando viver os princípios do Espiritismo na prática evangélica, dentro de casa e junto aos sofrendores de todos os níveis sociais em seus respectivos redutos transitórios, louvemos o Cristo e reverenciemos Allan Kardec, a fim de adquirirmos a coragem moral que há de servir de suporte para os Espíritos – filhos de Deus – em evolução, que se corporificarem em nossos lares, com reflexos condicionados de práticas autoeliminatórias.

Para encerrar, um fato curioso, narrado por D. Maria Higino Batista, é que uma das tias de Milton, vem, ultimamente, tendo sonhos, nos quais sempre ocorre o mesmo diálogo entre ela e o sobrinho desencarnado.

- quero nascer, titia, por intermédio da senhora. Arranje para mim um corpo, a fim de que eu possa voltar a Terra!

- não, Milton, eu tenho medo de que você volte a repetir o que fez na última encarnação. Queira me perdoar, mas, mas não me peça um corpo, meu filho, pelo amor de Deus!

Por que fizemos, leitor amigo, semelhante apontamento?

Para que todos nós, os Espíritos em trânsito pela Terra; não fiquemos ansiosos em demasia ante quaisquer dificuldades que venham nossos filhos a encontrar, no mundo, a benefício deles mesmos.

A nosso ver, devemos, isto sim:

- 1) – combater em nós o egoísmo e o orgulho, com o que entraremos na prática efetiva da caridade material e moral;
- 2) – colocar nossos filhos a trabalhar, desde cedo, de preferência nos serviços mais humildes, não lhes facilitando vida de excessivo conforto físico, atentos a que a grande maioria de nosso povo – cerca de 80% - vive com salários modestos, tudo naturalmente de acordo com a lei do merecimento, a que todos, inapelavelmente, estamos submetidos – lei da justiça misericordiosa de Deus;
- 3) – efetuar o culto evangélico no lar, pelo menos, semanalmente;
- 4) – participar, toda a família, das atividades do templo religioso a que estiver vinculado, sacrificando, com alegria, muitos programas de vida aparentemente alegres, mas, por vezes, inúteis.

Quanto ao mais, orando e vigiando, entreguemo-nos, dia e noite, ao exercício do bem, perdoadando setenta vezes sete vezes, quaisquer ofensas recebidas, segundo a recomendação de Jesus.

Só assim, cremos nós, conseguiremos, em nós e em muitos dos nossos entes amados, erradicar a possibilidade do suicídio consciente ou inconsciente.

\*\*

Notas:

(1) – Allan Kardec, Revista Espírita – jornal de estudos psicológicos – décimo ano – 1867, trad. De Júlio Abreu Filho, Editora Cultural Espírita Ltda. – edicel – São Paulo, 1966, pp. 21-22.

(2) – Elias Barbosa, Presença de Chico Xavier, 2a. Edição; revista 1979. IDE, Araras – SP, pp. 19-21.

(3) – Francisco Cândido Xavier, Elias Barbosa e Espíritos diversos, Entre Duas Vidas, 3a. Edição, 1978, CEC, Uberaba, MG, pp. 107-111.

(4) – José Mendonça, História de Uberaba, edição academia de letras do triângulo mineiro, bolsa de publicações do município de Uberaba, 1974, p. 169.

(5) – Lavoura e Comércio, ano III, no. 12.661, Uberaba, 2 de julho de 1951.

(Apontamentos:

A questão dos suicídios é extremamente delicada e nunca devemos julgá-la em definitivo, pois não conhecemos ‘todas’ as razões que envolvem essa atitude. Uma das mais importantes palavras, suicídio, que definem uma atitude de amplo envolvimento: ‘Tirar a vida!’. Mas nós nos atemos apenas na atitude ‘brusca e consciente’ - embora desequilibrados - de eliminarmos a vida física, sem nos importarmos com os inúmeros



‘tipos’ de suicídios que a humanidade comete no cotidiano. Em ‘Nosso Lar’, André Luiz é informado dos ‘vários’ tipos de suicídios que cometeu na vida física, embora nossa sociedade não considere nenhum deles como ‘suicídio’! Vamos estudar para entender e respeitar a beleza da vida física como a maior ferramenta de aprendizado para nós Espíritos!)

## EU QUERO LHE PEDIR PARA NÃO CHORAR

Alberto Corradi

Minha mãe, minha amada mãezinha Ebe.

Eu quero lhe pedir para não chorar.

As suas lágrimas são como chamas de dor no meu coração.

Eu tenho aqui a minha amada bisavó Tina e o nosso bisavô Amadei, que estão comigo.

Fique tranquila, Deus está conosco.

À senhora e ao meu pai, um beijo do seu filho.

Alberto

\*\*

Deus está conosco

Sobre a mensagem psicografada pelo médium Xavier, em italiano, na noite de 16 de março de 1979, ao final da reunião pública do Grupo Espírita da Prece, sito à av. João XXIII, no. 1495, em Uberaba, Minas Gerais, limitemo-nos aos dados principais, colhidos pelo confrade Sr. Ayrton Gouvêa, logo após a recepção da página mediúnica.

1- Alberto Corradi, nasceu em Torino, Itália, a 13 de outubro de 1958, e aí desencarnou, em consequência de desastre com motocicletas, a 3 de maio de 1978.

Era responsável pelos computadores, na firma de seus pais, tendo sido, sempre, um rapaz trabalhador.

2- Sr. Roberto Corradi e D. Ebe Amadei Corradi; pais de Alberto, residentes em Torino (Corso Sebastopoli – Torino – Itália).

D. Ebe veio a Uberaba, especialmente, em busca de conforto para o coração ulcerado. E, conforme observou o ilustre confrade que a entrevistou, encontrou ela, com a página recebida pelo médium Chico Xavier, o bálsamo de que necessitava, prontificando-se a nos fornecer todo o material necessário à divulgação do fato.

3- Avôs paternos de Alberto; Sr. Vittorio Amadei e D. Tina Amadei, nomes que o médium desconhecia por completo.

4- Avôs paternos; Sr. Athos Corradi e D. Cesarina Corradi.

\*\*

Cargas de razão tinha o inesquecível professor J. Herculano Pires ao afirmar, num dos seus últimos livros (1), que “o ato mediúnico normal é uma segunda ressurreição”. Onde encontraria D. Ebe, senão através dos canais medianímicos, a certeza de que seu filho continua vivo, e que o episódio da motocicleta não passou de prova simultânea para o Espírito de Alberto e os de seus pais?

**Alberto Corradi está mais do que certo quando pede a genitora para não chorar, afirmando que Deus está conosco.**

**Que a lição deste jovem possa nos calar fundo nos corações, a fim de que referenciemos, cada vez mais, a Jesus, reverenciando a Allan Kardec que nos disciplinou o intercâmbio com o mundo espiritual, provando, de forma irrefutável, que a morte não existe.**

**Nota: (1) – José Herculano Pires, Mediunidade (Vida e Comunicação) – conceituação da mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais, Edicel, São Paulo, 1ª. Edição, 1978, p. 38.**

**(Apontamentos:**

**Acreditar que os ‘mortos’ possam vir e se comunicarem com os ‘vivos’ não altera nada do modo de viver do humano. Aquilo que muda mesmo o modo de viver, quando humano quer, é o conhecimento e a moral que se adquire com a aceitação dos postulados contidos na Doutrina dos Espíritos. Para essa aceitação ser plena há a necessidade de contínuos e sistemáticos estudos do denominado ‘pentateuco’ Espírita: O Livro dos Espíritos; O Evangelho Segundo o Espiritismo; O Livro dos Médiuns; A Gênese e O Céu e o Inferno. Somente pelos estudos é que adquirimos o conhecimento necessário para as mudanças fundamentais em nosso modo de viver.)**

## MORRER NÃO SIGNIFICA ACABAR

Antônio Carlos Escobar

Querida mãezinha, querida vovó Armanda, querida tia Isabel.

Venho pedir a Deus que nos abençoe e pedir-lhes para não chorarem tanto.

Estou aqui com o meu avô Primitivo Aymoré e com a minha avó Isabel Rôa Escobar, mas estou muito preso às lágrimas de casa.

Querida tia Isabel; se puder, não deixe a vovó chorar tanto, nem a minha mãezinha Gilda continuar tão aflita por minha causa. Estou vivo, mas preciso desembaraçar-me das prisões de casa para conseguir melhorar.

O meu avô Primitivo me diz que preciso fazer este pedido para que a minha situação consiga melhorar.

Às vezes, me reconheço nas ruas de Ponta Porã ou de Pedro Juan Caballero, perguntando por quê... Mas, isso resulta de quando me contemplam os retratos, chorando muito e chamando-me.

Não culpem ninguém, porque eu tinha tido a obrigação de vir mais cedo para cá. As leis de Deus funcionam sobre as nossas cabeças, e não havia como fugir a elas.

Rogo-lhes conformação, à mãe Armanda. Estive com vovô Ayala, que meu deu excelentes conselhos.

Agora, peço-lhes para descansarem para que eu descanse.

Os que chegam aqui vêm tudo quanto se passa aí, e espero que me auxiliem.

Tia Isabel; envio o meu abraço ao Evaldo Carlos e a Gladys Lise, com muita estima ao tio Basch.

Agora, me despeço. Vim até aqui porque o meu avô Primitivo me disse que teríamos que escrever alguma coisa para que a minha avó Armanda não fique doente. As lágrimas de saudade também matam, e queremos a vovó aí perto de minha mãe sem o sofrimento em que as vejo depois de minha vinda para cá.

Morrer não significa acabar.

Estou rente com a família, e assim que as lágrimas diminuïrem; penso que vou trabalhar muito.

Minhas lembranças ao meu querido irmão.

Ao papai, ao Basch e às crianças.

E pedindo as três me abençoarem, sou o filho, o neto e o sobrinho que pede a Deus nos auxilie a vencer as nossas dificuldades para sermos realmente mais felizes.

Abraços muito de coração do

Antônio Carlos Escobar.

\*\*

“Não culpem ninguém”.

A fim de que possamos compreender por que Antônio Carlos Escobar foi tão incisivo, optando pela síntese em sua mensagem que titulamos por “morrer não significa acabar”,

transcreveremos, em seguida, os pontos principais da carta que a gentileza de sua genitora – D. Gilda Aymoré Escobar – nos enviou, depois que a entrevistamos, pessoalmente, em Uberaba.

“Ponta Porã (MS), 8 de junho de 1978.

Prezado senhor Elias.

Que as bênçãos do Pai Todo Poderoso recaiam sobre todos nós.

Senhor Elias, como o senhor pediu-me; estou-lhe enviando uma cópia da mensagem, do meu filho, recebida através do irmão Francisco Cândido Xavier, na reunião do dia 21/4/1978, justamente 116 dias depois da desencarnação dele – Antônio Carlos Escobar -, ocorrida no dia 25/12/77, às 20 horas, no Hospital das Clínicas, em São Paulo.

Antônio Carlos era piloto civil, mas no dia do acidente, não queria voar, pois era o gerente de nossa firma – “Exportadora Aymoré” -, isto é, dono e gerente, e disse ao rapaz que veio convidá-lo que não poderia ir, pois tinha muito serviço e uma prova de química por fazer (estava fazendo o 3º. ano colegial, no Colégio São José, em Ponta Porã), e que ainda precisava estudar para fazer essa prova, uma das últimas a que teria que se submeter para a conclusão do curso.

Depois que o companheiro insistiu pela 4ª. vez, resolveu Antônio Carlos ir, dizendo-me:

- Mamãe; vou levá-lo à fazenda aqui pertinho, e logo voltarei. Ele já insistiu muito, e disse que lá tem pista boa para a aterrissagem.

Então, eu disse:

- Não vá hoje, meu filho, já são 15:15 horas, deixe isso para amanhã.

Mas José Peixoto Zatorre insistiu:

- Não, tem que ser hoje.

E lá se foram os dois. Tentando fazer um pouso forçado, conforme apurou a perícia, devido à falta de pista para a decolagem do avião, meu filho deixou que este colidisse com uma árvore, quebrando uma asa e caindo. Com o impacto do avião ao solo, Antônio Carlos foi jogado ao longe, mas ao ver que seu companheiro ficou preso dentro das ferragens, voltou lá para tirá-lo, quando o tranque explodiu, queimando gravemente os dois. Da fazenda vieram numa camioneta para a cidade, falando; chegaram andando no hospital. Quando lá cheguei, disse-me ele:

- Não chore mamãe. Estou bem, não vou voar mais e o meu brevê já virou cinzas. No dia de ano novo, eu já estarei bem.

Resolvemos levá-lo a São Paulo, por conselhos médicos, juntamente com o amigo, trinta minutos antes de chegar à capital paulista, no avião em que viajávamos, José Peixoto Zatorre faleceu, mas Antônio Carlos, muito confiante em Deus, na hora de decolagem do avião aqui em nossa cidade, rumo a São Paulo, pediu ao Pai o amparasse o protegesse.

Quando chegamos ao Hospital das Clínicas, depois de demorado exame, disse-me o Dr. Tirso de Almeida:

- Gilda, você está muito confiante e otimista porque o seu filho chegou com vida, mas só um milagre, só Deus... O caso dele é grave, tem 80% de queimaduras.

Mas quando Antônio Carlos ia entrar para o CTI, onde foi feito tudo que foi possível no hospital, em seu favor, - não mediram sacrifícios, tinha um plantão exclusivo para ele de quatro médicos, e era visitado todas as manhãs por uma equipe de coração, pulmão, rins, queimados e infecção; foi feito tudo mesmo, todavia, a providência divina resolve do melhor modo.

Eu disse, naquele instante:

- Filho, a mamãe não pode entrar aí, mas através do vidro eu vou estar com você. Não vou sair daqui. Deus é grande, você vai voltar bom para casa.

Ao que ele respondeu:

- Eu sei mamãe, que Deus está aqui a meu lado.

Era Antônio Carlos um rapaz muito bom. Nunca me disse que não gostasse de alguém. Muito caridoso, preocupava-se muito com os aparentemente desfavorecidos da sorte ou com os doentes. Sabia tratar os mais humildes com gentileza, era muito trabalhador, não

media sacrifício, estava sempre pronto quando dele precisavam. Filho muito carinhoso; costumava dizer todos os dias:

- Mãezinha, eu te amo. Coroa, eu te adoro. Vou ficar ao teu lado, mãezinha, hei de cuidar sempre de ti, jamais vou te deixar.

Senti muito a falta dele, e culpava o companheiro dele, achava que se ele não tivesse insistido tanto, meu filho não teria ido e não teria acontecido o desastre que o levou para longe de mim.

Muito católico, sem vício nenhum, pois não fumava e não ingeria bebidas alcoólicas, amigo de todos, Antônio Carlos foi escolhido o melhor amigo do Colégio São José, numa votação feita pelo Rotary Clube da cidade. Por aí o senhor pode imaginar quanto meu filho era querido. Deixou muitas saudades em todos que o conheceram de perto.

Por ser o neto mais velho, era o predileto de minha mãe – a vovó Armanda que ele cita na mensagem -, e que ficou muito triste com a perda do neto querido, muito querido por todas as tias e tios, enfim, muito querido de todos.

Penso Sr. Elias; ter explicado bem como ocorreu a morte de meu filho. A mensagem que o senhor pediu-me para que possa sair no próximo livro que o senhor vai organizar, por favor, quando esse livro sair, não se esqueça de remeter-me um exemplar.

Gostaria muito de conseguir o endereço de D. Zilda Giunzheti Rosin, autora do livro perda de entes queridos, pois tenho rezado para que seus filhos Dráusio e Diógenes, que já desencarnaram há mais tempo, possam ajudar a meu filho.

Sr. Elias vou contar-lhe algo muito interessante que me aconteceu.

Na sexta-feira, antes do dia das mães, isto é, dia 12/5/78, estava eu doente. Depois que o médico saiu, pedi à determinada amiga que viesse me dar um passe. Para minha alegria, vieram duas amigas e, através de uma delas, uma entidade espiritual amiga mandou-me um recado: que meu filho estava arrumando um ramallete de rosas para me mandar. Não acreditei muito nisso, e pensei; se eu receber esse ramallete de alguém que soube desse recado, eu não acredito mesmo.

Mas, no domingo, pela manhã, o meu outro filho me disse, todo emocionado:

- Mamãe, venha cá.

Ia entrando um piloto que também é tenente do Exército, que não costuma frequentar a minha casa, e vinha trazendo um ramallete, exatamente igual ao que imaginei – meu filho entrando com as flores. Não pude falar outra coisa a não ser:

- Não! Não!

Foi o suficiente para que o moço me dissesse:

- Dona Gilda, eu não vim aqui querendo substituir ninguém, mas eu não sei por que, hoje, quando acordei, senti uma vontade de trazer rosas para a senhora. Minha mãe reside em Porto Alegre. Não sei por que escolhi a senhora como sendo a minha mãe para receber este ramallete.

Chorei bastante, e senti neste gesto que era o meu querido filho que estava me mandando estas flores. Mais uma prova que recebi do Espiritismo, eu que sempre fui católica.

Quando cheguei aí em Uberaba, pela primeira vez, ninguém me conhecia. Para Antônio Carlos dizer tão certinho tudo o que ele disse, através do médium Chico Xavier, só ele mesmo – o Espírito de meu filho – para saber.

Vovô Ayala, que ele cita na mensagem, é meu avô materno, desencarnado há 33 anos, visto que Antônio Carlos não o conhecia e quase não costumávamos nos lembrar dele, que já morreu há tantos anos, eu mesma tinha 7 anos quando ele desencarnou.

Vovô Primitivo é meu pai, desencarnado há 6 anos.

Vovó Isabel Rôa é minha avó, mãe de meu pai, desencarnada há 2 anos.

Eu costumava, com efeito, conversar muito com a fotografia do meu filho, perguntando:

- Por que, meu filho querido; tinha que acontecer isso com você; que sempre foi um menino tão bom, tão correto em tudo, tão amigo de todos, enfim, um filho que nos deu alegrias, por que Deus tinha que bater em nossa porta desse jeito?

Antônio Carlos Escobar, que nasceu em Campo Grande, Estado de Mato Grosso, em 26 de

setembro de 1956, ia ficar noivo no dia 31/12/77, e casar agora em maio. Estava com tudo pronto. Era um exemplo de filho, irmão, neto, amigo.

Faleceu em São Paulo, em 25 de dezembro de 1977, noite de Natal, às 20 horas.

Bem, Sr. Elias; esperando ter explicado tudo direitinho, peço ao Divino Pai nos abençoe, a nós aqui da Terra, e aos nossos do plano espiritual.

Aqui fica a irmã

(a) Gilda Aymoré Escobar.

\*\*

#### Sumário:

- 1- Antônio Carlos Escobar -: filho de Flamarion Capilé e de D. Gilda Aymoré Escobar.
- 2- nascimento -: 26 de setembro de 1956.
- 3- desencarnação -: 25 de dezembro de 1977.
- 4- cidade onde residia -: Ponta Porã, estado de Mato Grosso do Sul, Pedro Juan Caballero – cidade fronteira – Paraguai – Brasil.
- 5- Sr. Primitivo Aymoré -: avô materno, desencarnado a 24 de janeiro de 1972.
- 6- Sra. Isabel Rôa Escobar -: bisavó materna, desencarnada.
- 7- Sra. Armanda -: avó materna.
- 8- Sra. Isabel -: tia materna.
- 9- Gladys, Lise e Evaldo Carlos -: primos maternos.
- 10- Sr. Basch -: tio materno.
- 11- Sr. Ayala -: bisavô materno, desencarnado em 1946.

(Apontamentos:

Quando queremos crer; cremos! Quando não queremos... Não acreditamos nem em nós mesmos!)

## NÃO JULGUEM QUE TIVESSE USADO MINHAS MÃOS NO SUICÍDIO

Lincoln Prata Lóes

Mamãe Sylvia, meu pai; estou aqui, pedindo-lhes para que me abençoem, perdoadando o desgosto que lhes dei.

Sou amparado pelo tio Antônio Bernardino e por minha avó Nelly para dizer-lhes que estou melhorando, mas ainda me sinto vago, entontecido.

Não julguem que tivesse usado minhas mãos no suicídio.

Havia tido contratempos no namoro, mas isso não era bastante para que me arrojassem a esse gesto infeliz.

Sentira, na antevéspera do dia 4, uma grande dor de cabeça e quis afogar em alívio o meu pensamento com alguns comprimidos, que não mais me lembro quanto ao nome.

Minhas ideias estavam embaralhadas... Parecia estar numa nuvem que me transportava para lugar nenhum... Não sei como foram alteradas as minhas ideias... No quarto, li cadernos ou tentei ler alguma coisa de que não sabia o sentido...

As horas estavam diferentes para mim...

Um impulso, que não compreendo até hoje, me levou a encontrar a arma, com a qual fiquei refletindo na vida e na morte... Seria aquele objeto um portador da morte em si? Perguntava a mim mesmo...

Sem avaliar o perigo em que me achava, recordei os casos das roletas russas assim chamadas...

Haveria uma bala determinada para cada pessoa em casos desses?

Desconheço porque levei a arma à altura da cabeça, sem qualquer ideia de fugir da vida...

Os pensamentos faziam um turbilhão no meu cérebro...

Sentia-me tonto, descontrolado...

Não tenho a ideia de haver puxado o gatilho, mas a verdade é que caí desamparado, acometido me absorvi de todo, e quando acordei, foi aquele mesmo choro que, soube, de pronto, num espanto de que não conseguia sair... Um sono mais esquisito de que fora estar em nossa casa... Vi meu avô Sinhozinho, meu tio Humberto, perto de mim.

O assombro foi tão grande, que não tive outro recurso senão esticar-me no leito a que me haviam conduzido e no qual havia despertado.

Minha avó Nelly não crê que eu possa escrever muito, mas desejo pedir-lhes perdão pela minha falta que não nasceu de minha própria vontade, e pedir para pensarmos que precisamos cuidar com muito amor do Álvaro e de Nelly, pois não desejo ver meus pais queridos desanimados.

Estou ainda sem forças... Caindo facilmente.

Escrevo com as mãos do tio Antônio Bernardino firmando o meu pulso.

Um dia em que eu puder, voltarei às notícias.

Perdoem-me, peço-lhes.

Vou melhorar e ser mais cauteloso para conseguir auxiliá-los.

Rogo a Deus nos proteja a todos, e peço para que me lembrem nas orações para que me sinta abençoado, e mais corajoso, para sustentar as dificuldades que devo por fim vencer

em mim mesmo.

Um abraço de respeitoso amor e de muita gratidão do filho doente, mas sempre agradecido.

**Lincoln**

\*\*

“parecia estar numa nuvem que me transportava para lugar nenhum”.

De duas entrevistas com os genitores de Lincoln Prata Lóes, a 10 e a 30 de dezembro de 1978, respectivamente, na residência do autor destes apontamentos e na dos distintos entrevistados, conseguimos apurar o seguinte:

1 – a mensagem a que demos o título de “não julguem que tivesse usado minhas próprias mãos no suicídio”, foi recebida pelo médium Xavier, ao final da reunião do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, na noite de 22 de setembro de 1978.

2 – filiação do comunicante: Sr. Lauro Escobar Lóes, distinto economista e funcionário do Banco do Brasil, e Sra. Sylvia Nelly Prata Lóes, ambos católicos.

3 – Lincoln nasceu em Uberaba, Minas Gerais, a 14 de outubro de 1961, e desencarnou em São Paulo, capital, antes de submeter a uma segunda intervenção cirúrgica, a 4 de agosto de 1978.

Fez o curso primário no grupo escolar (hoje, escola estadual) Minas Gerais, e o secundário, na escola estadual Marechal Humberto Alencar Castelo Branco, não chegando a concluir o segundo ano do curso científico.

Tinha inclinação acentuada para trabalhar, chegando a reunir esforços para a fundação de uma revista.

Era grande desportista, e caloroso defensor das cores do Jockey Clube de Uberaba.

4 – tio Antônio Bernardino: trata-se do padrinho da senhora mãe de Lincoln – Sr. Antônio Prata da Costa, desencarnado em Uberaba, a 5 de novembro de 1968.

Com efeito, era conhecido por Antônio Bernardino, por causa do genitor que tinha esse sobrenome. Não tendo filhos, ajudou a criar os onze irmãos, e considerava Lincoln como se fosse um neto querido.

A nosso ver, este é um detalhe importante, uma vez que o médium desconhecia por completo o sobrenome do pai – Bernardino – do tio do Espírito comunicante, tanto quanto os demais pontos relevantes da mensagem.

5 – avó Nelly: D. Nelly dos Santos Prata, desencarnada em Uberaba, a 27 de maio de 1957. Avó materna.

6 – comprimidos: trata-se de suave ansiolítico, um produto comercial do grupo dos chamados antidiestônicos.

7 – arma: encontrava-se dentro de uma pasta, no carro do pai, que havia chegado do sítio. Lincoln pegara a chave do veículo, disposto a ouvir músicas.

8 – avô sinhozinho: Sr. Sylvio de Oliveira Prata, desencarnado em Uberaba, a 26 de setembro de 1977. Avô materno, que muito estimava o neto.

9 – tio Humberto: Sr. Humberto Santos Prata, desencarnado em acidente automobilístico,



a 11 de agosto de 1974, em Araçatuba, Estado de São Paulo.

10 – Álvaro e Nelly: irmãos do comunicante, respectivamente, o primogênito e o caçula, atualmente, com 18 e 14 anos de idade.

Era bom o relacionamento dos três irmãos, em casa.

\*\*

Visando à nossa edificação doutrinária, tomamos a liberdade de remeter o leitor a apenas três livros de Allan Kardec, onde o suicídio é analisado com aquela clareza cristalina, que todos devemos imitar:

1- O Livro dos Espíritos, - livro quarto – “esperanças e consolações”, capítulo primeiro – “penas e gozos terrestres” – nos. 943 e 957.

2- O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. V – “bem-aventurados os aflitos” – nos. 14 e seguintes; e cap. XXVII – “coletânea de preces Espíritas” -, nos. 71 e 72.

3- O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo, 2ª. Parte; – capítulo v – suicidas.

Que, finalmente, todos possamos percorrer as páginas maciças da obra-prima, no gênero, - Memórias de um Suicida -, de Yvone A. Pereira, cuja primeira edição, da Federação Espírita Brasileira (Rio de Janeiro, RJ), data de 1957.

(Apontamentos:

Realmente necessitamos estudar muito, pois existem suicídios e ‘suicídios’. A ação espiritual é fator predominante nos casos de desencarnes por esse meio... Estudar, estudar...)

## NO SEM-FIM DO AMOR IMPERECÍVEL

Nysio Castanheira Cardoso

Adele, querida esposa, rogo a Jesus nos abençoe.

Tenho no coração nossos filhos queridos, beijando todos eles em nossa Elisabeth e reunindo-os em você, querida companheira, para render graças a Deus pela oportunidade de escrever esta carta nesta reunião de alegria e reconhecimento, saudade e esperança.

Venho pedir a sua serenidade, ante as nossas dificuldades do momento.

Creia, por mais nos preparemos, através de nossas ideias de fé e sobrevivência, a desencarnação é um campo de surpresas que por enquanto, ao que suponho, os amigos recentemente liberados do corpo físico, assim qual me sucede, não saberão definir.

Sinto-me ainda depois de agosto, nas inquietações naturais do esposo e do pai que se vê retirado compulsoriamente do ninho familiar, sem a preparação necessária.

Alguém dirá que a nossa Doutrina de luz e de amor é suficiente para habilitar-nos à chamada passagem de uma vida para outra, sem qualquer choque ou depressão das forças mais íntimas.

Imagino que isso acontecerá com aqueles que longos dias de recolhimento no leito se lhes erguem por tempo de obrigação para pensar e repensar no fenômeno da grande mudança.

Entretanto, em meu caso, qual ocorre, no problema de tantos outros amigos, a alteração brusca e violenta me trouxe uma certa insegurança que, aos poucos, vou transpondo com as escoras da crença que Jesus nos instalou por dentro do Espírito.

Não comunico semelhante estado de Espírito ao seu coração afetuoso, no intuito de agravar ainda mais o sofrimento moral em que a vi nos primeiros dias em que sucederam à minha volta, e sim para agradecer as suas preces com as filhinhas e com o nosso André Luiz, por minha tranquilidade.

Acordei no próprio lar, antes de ser conduzido à organização de refazimento espiritual em que me encontro.

Minha mãe, a mamãe Branca, e outros amigos, velavam por minha paz e, em meu despertar, ela própria, a mãezinha, conquanto desencarnada, poucos meses antes de mim, me acolheu, no regaço, como se eu ainda lhe fosse a criança necessitada de compreensão e de apoio, e a mostrar-me você com os filhos orando por minha paz, me notificou que os nossos hábitos de meditação e de prece eram, àquela hora, frutos de amor que vocês me ofereciam.

Naturalmente que as nossas lágrimas – as suas lágrimas e as minhas – se misturavam na mesma luz de esperança e conformação e tão somente aí, nesse ângulo da separação é que pude avaliar a importância da oração e de confiança em Deus, cultivadas sob o teto familiar.

Desde então, esforço-me para me habituar ao trabalho de readaptação à vida espiritual em que presentemente me encontro.

Creia que isso não é fácil, especialmente quando deixamos a companheira com os filhos menores requisitando assistência e orientação, mas esteja igualmente convencida de que encontro em sua fé e em sua coragem a força de que preciso para reerguer-me por dentro

de mim próprio, de maneira a reformar-me inteiramente para o trabalho do bem.

Sei que amigos nossos não nos abandonaram no momento justo em que mais nos preocupávamos com respeito à continuidade de nossa manutenção doméstica, e sou grato a todos eles, os que nos auxiliaram com as documentações imprescindíveis à sustentação dos nossos recursos de subsistência.

E abraço os amigos de Belo Horizonte, aqui presentes e aqueles outros que não se encontram em nossa assembleia de fraternidade desta hora, por todas as bênçãos de conhecimentos e de amparo com que pavimentaram o caminho para a minha própria recuperação espiritual.

Além de minha mãe, sempre abnegada e sempre solícita, outros corações amigos me reconfortam para nova caminhada que me cabe empreender.

Os nossos amigos Aires de Oliveira e Fenelon Barbosa ainda são para mim apoios de base e denodados irmãos que me antecederam aqui, me estendem braços fortes e acolhedores para que as energias não me falem.

Querida Adele, a nossa Elisabeth, a nossa Eliane, a nossa Eliete e o nosso André Luiz estão protegidos por Deus e por seu carinho de mãe, e a certeza disso me reconforta.

Continue, querida, auxiliando-me com as suas preces e com as suas vibrações de paz e amor.

Espero para muito breve a retomada de meus deveres e o seu apoio é por demais expressivo para mim, para que não esqueça de solicitar aos seus cuidados essa bênçãos em meu favor.

Continue construindo em nossos filhos queridos a certeza da sobrevivência e a responsabilidade de viver nas quais, na Terra, devemos caminhar integrados a fim de atendermos com segurança as nossas próprias obrigações.

Quatro filhos são quatro canteiros de amor que podemos cultivar para Deus no campo da vida.

Não te assustes com as dificuldades que porventura venham a surgir nas estradas que o senhor nos determina percorrer.

Por agora, ainda me sinto menos ágil e mais seguro para resguardar a assistência mais imediata de que você necessita, mas possuímos excelentes benfeitores que nunca nos abandonam e que prosseguem nos amparando a você, aí na Terra física, e a mim mesmo, na espiritualidade.

Prometo, porém, ao seu carinho, que muito em breve, estarei de novo nos encargos familiares e com os recursos indispensáveis para garantir-lhes o apoio possível a um esposo e a um pai que, sobretudo confia em Deus.

De saudades e esperanças, receba com os nossos filhos queridos vastas porções das esperanças e das saudades que trago em mim mesmo.

O tempo, qual acontece nesta noite, se transfere de um a outro numericamente no calendário, mas no sem-fim do amor imperecível, estaremos sempre juntos.

Os dias por anos, a quem a bondade de Deus uniu com tantas bênçãos, se resume no dia imortal da confiança recíproca, em que os corações irmanados uns aos outros se reconhecem unidos no amor para sempre.

Muito carinho às meninas e ao nosso André Luiz.

Agradecimentos aos amigos todos que me possibilitaram estas notícias aqui congregadas na prece, e para você, querida esposa e companheira de todos os dias, o afeto inalterável com todo o coração do seu velho companheiro e amigo que lhe segue os pensamentos e que estará sempre de pensamento consagrado à sua paz e à sua felicidade.

Sempre seu

Nysio

\*\*

“Lágrimas misturadas na mesma luz”

Na manhã de 5 de maio de 1979, entrevistamos a Sra. Adele Garbelotto Cardoso, em sua residência, na capital do Estado de Minas Gerais.

Desse encontro, resultou o presente capítulo que estuda a belíssima página recebida pelo médium Xavier, no “Lar Espírita Lindolfo José Ferreira”, em Pedro Leopoldo, Minas Gerais, a 31 de dezembro de 1978, a que demos o título de “no sem-fim do amor imperecível” e que constitui o capítulo anterior.

1 – Adele: “não se trata de Adélia, nome comum” - diz-nos a entrevistada. E acrescenta: “para mim, que nunca havia chegado perto do médium Xavier, este é um importante elemento de identidade do meu marido que, aliás, escrevia muito bem”.

2 – Elisabeth: com “s”, observa D. Adele. Trata-se da segunda filha do casal, Elisabeth Cardoso.

3 – depois de agosto: o médium desconhecia tudo que se referia ao casal Nysio - Adele, conquanto, ela sempre tivesse vontade de encontrar-se com o Chico, apesar de católica, quando jovem, tendo sido filha de Maria. Ele, Sr. Nysio, fora Espírita desde que nasceu, no atual período reencarnatório.

Desencarnara em consequência de acidente vascular cerebral – lesão cerebral, inoperável. Era diabético. “ainda moço e forte”.

Coronel do Exército, reformado, e Engenheiro do Ministério do Interior; estava alegre, quando foi acometido do mal-estar súbito, limitando-se a afirmar: “meu Deus, que tontura!”.

Dono de vasta cultura; foi Espírita convicto, e um dos fundadores do Centro Espírita Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, em 1975, com sede à Rua Argemiro Peixoto, 346, na cidade de Pirapora, Estado de Minas Gerais.

4 – nosso André Luiz: filho caçula, atualmente com 17 anos de idade.

5 – minha mãe, a mamãe Branca: trata-se de D. Branca Rosa Ferreira da Silva, desencarnada a 2 de fevereiro de 1978.

“minha mãe, a mamãe Branca”, porque o comunicante fora criado pela vovó Neném.

6 – “os nossos hábitos da meditação e da prece”: com efeito, D. Adele e os filhos não deixaram de fazer o culto evangélico no lar, habitual, aos domingos, às 9:00 horas, Sr. Nysio desencarnara à 1 hora da madrugada e viria a ser conduzido à necrópole, às 13 horas.

7 – Aires de Oliveira e Fenelon Barbosa: pedimos vênias ao leitor para transcrever, na íntegra, o rascunho da carta que a Sra. Adele enviou ao médium Xavier, tão logo retornou de Pedro Leopoldo com a mensagem do marido:

“caro Chico Xavier”,

Há dez anos, procurava, sem sucesso, aproximar-me de você. Nos últimos anos, meu marido ria-se dos nossos desencontros.

Finalmente, graças à generosidade do Dr. Eurípedes; consegui falar-lhe, embora em circunstâncias bastante dolorosas para mim. Esposamos a mesma doutrina de Jesus e sabemos que o acaso não existe.

No último dia 31 de dezembro; fui privilegiada com uma mensagem de meu esposo, desencarnado no dia 19 de agosto passado.

Tenho que confessar que nela ele mencionava nomes de pessoas que me eram completamente estranhas, o que me fez pensar num possível engano. Mas, qual não foi a

minha surpresa, ao conversar com as tias Alzira e Rosina (tias favoritas de meu marido) e, descobrir que as pessoas mencionadas, não só realmente eram amigas, como também participavam das sessões de mesa, feitas pela avó do Nysio (D. Neném).

O Dr. Aires de Oliveira era o guia da sessão, tendo D. Neném, em sua homenagem, posto num dos filhos, o seu nome.

O Sr. Fenelon Barbosa era tio de uma velha amiga da família, também já desencarnada.

Assim, Chico, mais uma vez ficou provado a veracidade de nossa Doutrina.

Quero agradecer-lhe e aos irmãos espirituais, que me presentearam com este consolo.

Envio o xerox da carta, a fim de que você possa fazer o uso que melhor lhe aprouver, seja publicado, lendo ou arquivando-a.

Um grande abraço a você ao Dr. Eurípedes.

Meus sinceros agradecimentos e, por favor, lembre-se em suas preces do meu querido Nysio C. Cardoso.

Deus o abençoe.

Adele.

\*\*

8 – Elaine: é professora de inglês, residente no Rio de Janeiro, e sempre foi assim chamada – Elaine – pelos alunos. Na realidade, ela se chama Elaine Anderson, e é filha primogênita do casal. A nosso ver, um elemento comprobatório de muita importância, uma vez que o comunicante sempre a chamava como se fosse um dos seus alunos.

9 – Eliete: a mais jovem das filhas, presente à nossa entrevista. Diz-nos ela que o pai, poucos dias antes de adoecer, chegou a dizer-lhe “aproveita o seu pai, Eliete, porque eu estarei aqui por pouco tempo”. Todos os que estavam perto, reagiram, energicamente, à frase profética do chefe da equipe familiar.

10 – “quatro filhos são quatro canteiros de amor que podemos cultivar para Deus no campo da vida” – Eliane, Elisabeth, Eliete e André Luiz.

O nome André Luiz foi sugerido ao Sr. Nysio por sua amiga, Dr. Gessy Vieira, que viria, tempos depois de sua própria desencarnação, confortá-lo, através de uma mensagem mediúnica, em Pirapora, quando ele perdera o olho direito, e se encontrava profundamente deprimido.

11 – Nysio Castanheira Cardoso – nasceu em Cataguases, Estado de Minas Gerais, a 3 de maio de 1918, e desencarnou em Belo Horizonte, a 19 de agosto de 1978.

Em 1972, do Rio de Janeiro foi transferido para a cidade de Pirapora, exercendo a chefia da segunda agência da então Suvale (hoje, Codevasf), do Ministério do Interior.

Dona Adele acha que a mensagem foi um presente para a filha Elisabeth, aniversariante a 6 de janeiro, já que esta segurava o pulso do pai, lendo “os mensageiros”, do Espírito André Luiz, através do médium Francisco Cândido Xavier, quando ele se despediu deste mundo.

(Apontamentos:

Não compreendendo as nuances da psicografia, em função da característica e da cultura do médium e das limitações do Espírito, é muito comum observarmos que os ‘beneficiados’ com mensagens se ‘prenderem’ a detalhes insignificantes, tais como: nomes, datas, eventos etc. e não considerarem a ‘mensagem’ como um todo consolador. Ainda temos que estudar muito...)

## O CÉU É O AMOR COM QUE NOS QUEREMOS UNS AOS OUTROS

Maurício Xavier de Vieira

Querida mamãe, querido papai, querida vó Augusta, Deus nos abençoe.

Um bilhete só que seja, - pedi a mãezinha – e estou aqui para falar “presente”.

A vida é igual ao tempo. Passam numa agitação que a gente não compreende. O amor, porém, permanece. E em nossas datas queridas de reencontro mais íntimo, se estamos separados ou aparentemente separados, a saudade que é voz do amor, grita mais forte por dentro do coração.

Venho pedir aos pais queridos; serenidade e coragem.

Imagine, mamãe.

No princípio, foi a você que eu precisava escutar a todo instante, buscando fortalecê-la, mas, agora é o papai que se sente mais triste. Mas os filhos sentem as oscilações do sentimento com que os pais os acompanham, seja na vida humana ou além dela. Pai querido é necessário viver com todos os acontecimentos que o tempo nos ofereça. Hoje, sei, as horas são como as correntes de um rio. Devolvem sempre aquilo que lhes doamos. Correm aqui, correm ali, as águas do tempo se movem constantemente em nossa direção, trazendo-nos de retorno quanto lhes atiramos. Falo assim para compreendermos que há ocasiões em que as lágrimas por fora ou por dentro nos lavam os corações. Tudo estará bem se guardamos confiança em Deus, entregando a Deus todos os ingredientes de que a nossa vida se compõe. Por aqui, também a nossa inquietação é sempre maior se vemos a inquietação naqueles que amamos, e não nos encontramos assim tão longe uns dos outros que as nossas emoções não estejam em permuta constante.

Querida mãezinha e querido papai; pensemos em nossos queridos Wagner e Jeanine. Posso muito pouco, mas vou aprender a ajudar como se deve e prometo à mamãe que não crescerei na forma, a fim de que, um dia, quando nos reencontrarmos, ela me sinta a criança que sempre amou.

Um menino alegre que terá conseguido, mesmo assim, penetrar a ciência de fazê-los sorrir. Compreendo todos os nossos problemas, entretanto, nas somas da luta, comparecerá sempre o saldo da bondade de Deus, sustentando-nos os créditos de paz e esperança.

Tia Guta (Guth), para informações à vovó, está se restaurando, sobretudo, com o amparo da vovó Alexandrina e de uma senhora amiga, Dona Tereza Santana Ramos.

A vida onde estamos é talvez apresentada em moldura mais bonita que a da Terra, mas por dentro de nós, estão os anseios e as saudades, as aflições e as alegrias que trazemos do mundo.

Penso que o céu é o amor com que nos queremos uns aos outros, porque a gente oferece tudo o que pode para não ser transferido de lugar.

Não adianta elevação sem companhia adequada. Por isso, continuamos em nossa fidelidade ao lar que é nosso, de vez que o lar não é a construção de alvenaria, mas a ventura de união entre os que se amam com Espírito e coração.

Nossos amigos Izídio e Henrique ainda agora me auxiliam a escrever. Eles se referem a mim, na condição de rapaz, entretanto, sou ainda o muriçoca de casa, com o sorriso aberto

e com aquela felicidade de estarmos juntos.

Desejo alinhar vovó Augusta e vovó Violeta, vovô Zico e vovô Zé, no mesmo abraço.

A gente escreve do novo mundo para aí e desejaria falar tanto! Mas, estamos dentro da vida de qualquer modo, é por isso que o amor ainda é a maior surpresa que nos escora na caminhada para frente. Parece-me que o resto é ensinamento que Deus nos concede para conquistarmos a felicidade de amar sempre.

Pai querido, nosso amigo Valente continua me auxiliando e o tio Godofredo me afirma que está e estará colaborando na sustentação da nossa paz.

Nosso amigo Henrique solicita seja dito à nossa irmã Augustinha que ele agradece, com todo o coração, as lembranças das irmãs e dos irmãos cunhados no carinho das crianças.

Deus nos abençoe a todos.

Papai e mamãe; continuemos trabalhando na plantação do bem e entreguemos nosso esforço ao tempo. Deus zelará por nós todos.

Mãezinha, a saudade é um poema vivo que só se escreve com lágrimas é por isso que temos nós chorado tanto.

Sei que a sua procura por seu filho é uma procura incessante de fé. Às vezes, não sei bem se você busca o seu Maurício ou se procura a fé em Deus. Entretanto, no fundo de todas as nossas cogitações, está o amor, e os amigos daqui me ensinaram que isso é que vale.

Confiemos na Providência Divina e sigamos para frente.

Querido papai e querida mãezinha, com a vovó Augusta; recebam todo o carinho iluminado de esperança nos beijos do filho sempre de vocês e sempre mais reconhecido.

Maurício

\*\*

### “A vida é igual ao tempo”

Do caderno especial de O Popular (1), jornal de Goiânia, traslademos para este volume os tópicos principais da excelente reportagem que fez Márcia Elizabeth sob o título “Maurício (que morreu aos 7 anos) envia carta a seus pais”.

“Muitas pessoas viveram o drama da família Xavier Vieira. Muitas preces foram feitas pelos pais de Maurício Xavier Vieira, para que tivessem forças e suportassem a dor da perda do filho”.

Tudo aconteceu numa tarde de maio, quando acabou a energia elétrica em sua casa, e Maurício acendeu uma vela e dirigiu-se para o quarto.

O carpete havia sido colocado naquele dia e a cola ainda estava molhada.

A explosão foi grande.

Maurício foi socorrido por seu pai, o médico José Vieira, que conseguiu tirá-lo do meio das chamas, ficando também muito queimado.

Maurício permaneceu uma semana hospitalizado, vindo a falecer no dia 16 de maio de 1976.

O menino nascera em Goiânia, a 14 de dezembro de 1968.

Era o caçula, vindo depois do Wagner e Jeanine, de 12 e 13 anos de idade, respectivamente.

Maurício estudou até o terceiro ano primário, no Instituto Araguaia, e depois na escola Raio de Sol.

A volta, através de Chico Xavier.

Os pais de Maurício, Dona Alexandrina e José Vieira, desesperados com a perda do filho, aconselhados por amigos, foram à procurada daquele que tem sido fonte fidedigna de notícias do Além, Chico Xavier, o médium de Uberaba, que tem psicografado livros e mais livros doutrinários, filosóficos, científicos e religiosos.

Francisco Cândido Xavier, hoje com 68 anos de idade e 51 dedicados à causa Espírita (2),

jamais cobrou um centavo de quem quer que o procure em Uberaba, atendendo de 600 a 800 pessoas nas noites de sexta-feira e nas tardes de sábado, quando realiza um nobre trabalho de confraternização, na periferia da cidade.

E foi em Chico Xavier que os pais de Maurício encontraram de novo o seu filho, quando receberam, na noite de 11 de fevereiro de 1978, uma carta de Maurício consolando e dando-lhes forças.

### **Idade do Espírito**

Os Espíritas sabem que o Espírito não tem idade.

Não é como pessoa viva – Espírito e corpo físico – quando a idade é a do corpo físico.

Há Espíritos muito mais antigos do que os demais, e assim mais experientes.

Isso significa que muitas crianças, recém-nascidas, podem ser muito mais velhas do que adultos e até anciãos deste mundo.

O Espírito de Maurício, que só viveu sete anos no lar dos Xavier Vieira, parece ser um desses já bastante evoluídos.

\*\*

Vejamos, em seguida, alguns dos pontos relevantes da página mediúnica e as pessoas nelas citadas:

1 – vovó Augusta: avó materna, Sra. Augusta Leite Xavier.

2 – Wagner e Jeanine: irmãos de Maurício.

3 – “posso muito pouco, mas vou aprender a ajudar como se deve e prometo à mamãe que não crescerei na forma, a fim de que, um dia, quando nos reencontrarmos, ela me sinta a criança que sempre amou”.

Sobre o crescimento em termos de estatura – se é que assim possamos nos exprimir -, sugerimos ao leitor consultar, neste livro, a mensagem “reencontro na fronteira de dois mundos/o lado da cruz é sempre melhor – de Henrique Emmanuel Gregoris”.

4 – tia Guta (Guth): o Espírito se refere à sua tia desencarnada, D. Maria Augusta Xavier Sabag.

5 – vovó Alexandrina: referência à sua bisavó desencarnada, D. Alexandrina Fontes Xavier.

6 – Dona Tereza Santana Ramos: senhora da família tradicional de Anápolis, Estado de Goiás, já desencarnada.

7 – Izídio e Henrique: nossos conhecidos de mensagens neste livro, primos do comunicante.

8 – vovó Violeta, vovô Zico e vovô Zé: trata-se de D. Violeta da Silveira Vieira, avó paterna; Sr. Brasil Xavier Nunes – Zico -, avô materno e Sr. José Vieira – Zé – avô paterno.

9 – nosso amigo Valente: Maurício se refere ao Sr. José Fernandes Valente, farmacêutico antigo de Anápolis, e amigo da família.

10 – tio Godofredo: tio-bisavô materno, Sr. Godofredo Xavier Nunes.



**12 – nossa irmã Augustinha: Sra. Augusta Soares Gregoris, genitora de Henrique.**

\*\*

**Depois de afirmar que o amor permanece e que o céu é o amor com que nos queremos uns aos outros; de que precisamos continuar trabalhando na plantação do bem, entregando nosso esforço ao tempo, e de que saudade é um poema vivo que só se escreve com lágrimas, conclui Maurício, de forma admirável:**

**“No fundo de todas as nossas cogitações, está o amor, e os amigos daqui me ensinaram que isso é que vale”.**

**(Apontamentos:**

**Aqui aparece um assunto muito delicado, mesmo para os estudantes do Espiritismo: Idade de Espírito! Já é difícil entendermos, para aceitarmos, a questão do ‘tempo’ nos mundos material e espiritual, portanto, muito mais difícil é fazermos qualquer afirmação, com respeito ao mundo espiritual, de tempo com considerações ligadas ao tempo material. No dia em que entendermos realmente o que é a ‘Eternidade’, aí sim nós poderemos falar de tempo no mundo espiritual...)**

## PEDAÇO DE TERRA PARA CULTIVAR ESPERANÇAS

Izídio Inácio da Silva

Querida mãezinha; abençoe seu filho, antes de conversarmos. A relação das saudades está feita num abraço à Júlia e a todos os corações que nos compartilham a felicidade do reencontro marcado em lápis e papel.

Comigo estão a vovó Laudelina, a tia Nenê, a irmã Sílvia, o nosso amigo Henrique e outros muitos que saúdam a todos.

Creia; mamãe, que seu filho está quase confundido. Parece-me estão fazendo exame no educandário Goiás ou no colégio Dom Bosco, de ânimo desafiado pelo olhar benevolente de muitos amigos que me observam; naquelas casas de ensino, era avaliado pelo grande aproveitamento nos estudos.

Aqui, certamente, sou eu quem pede aos meus examinadores para me conferirem apenas os sentimentos.

Lá em Goiás, era eu o aluno, precisando demonstrar habilitação, aqui, sou o filho operando colo para contar o que me vai ao coração.

No meu caso, seriam maroteiras de rapaz ainda imaturo, mas sei que os amigos sabem que as mães e os filhos conversam numa língua diferente e, por isso creio ser perdoado por todos, se disser que venho ao encontro de sua saudade para fazermos da nossa carência de alegria pela ausência compulsória a que fomos submetidos pela morte do corpo físico, em serviço cada vez mais ativo.

Por isso, querida mãezinha, aqui está me parecendo mesmo é um pedaço da fazenda Redenção, que pensei poder desfrutar e que cheguei a ver uma vez para cultivar esperanças que vinham desabrochar em outro mundo.

Era um rapaz como tantos, que anseiam estudar e compreender a vida para se tornarem mais útil, e é justamente isso que nós temos de fazer com que ele compreenda.

Ninguém pode avaliar a importância de uma bolsa de estudo para um o jovem ou para uma jovem que acham as dificuldades financeiras por pedras quase insuperáveis no caminho, como poucos refletem no valor de uma xícara de leite para uma criança de estômago vazio, que vê a chegada da noite sem qualquer esperança.

A morte ensinou muita coisa a seu filho, como a separação nos fez recordar os que andam sem apoio de alguém.

Para sorrirmos um pouco, lembro-me de que me achava certa vez em Buriti Alegre, num dia de festas, quando um cantador da roça expôs na praça uns versos, que não mais esqueci. Disse ele na viola:

“Eu fiz muita tentação,  
que nunca pude realizá;  
Agora, fiz juramento,  
que já não posso quebrá;  
pois já tenho visto coisas  
que não posso acompanhá”.

Lembro-me de que era um homem de Jaraguá enfeitando a festa, mas a verdade é que essas palavras estão agora no coração de seu filho, sem que as consiga apagar.

Já não posso acompanhar as corridas e disputar os prêmios de outro tempo.

Tanto corri que parei para pensar e, pensando estou até hoje, mas pensando, com a sua cabeça de mãe, embora amarrado ao coração de meu pai, cujo carinho para comigo não poderei esquecer.

Desejo unicamente reafirmar ao seu devotamente que a senhora acertou com a loteria da vida. A sorte grande é trabalhar e servir aos que precisam mais que nós mesmos.

Quando a senhora consegue mais dinheiro de meu pai a fim de acrescentar essa ou aquela compra, dê mais recursos para os nossos irmãos que contam com Deus e conosco; não sei de que tamanho fica o meu sorriso rasgado na boca.

Trabalhem, sim, mãezinha, para que o frio diminua nos lares em que o fogo desapareceu; para que a criançada veja pães à mesa, para que as mães menos felizes reencontrem a satisfação de viver, e para que o bem se faça mais amplo, retirando das cabeças alheias as ideias do mal.

A bondade com que suportam escrevendo e o carinho com que todos me esperam o ponto final nesta carta do coração, fazem-me lembrar as ramarias verdes e as flores, que vi lá naquele abençoado recanto de terras paraense.

Sinto-me assim mais à vontade, para transmitir ao papel os meus pensamentos escritos, pedindo-lhe ânimo de sempre para meu pai.

Nosso querido amigo, o seu Cacildo e meu pai muito abençoado, ainda não se refez daquele choque de 19 de fevereiro, depois da minha volta de Hidrolândia; ele, o papai, de quando em quando, está parado, a fim de pensar, e, de outras vezes, se associa a muitos amigos para distrações, com o fim de esquecer.

Há momentos em que ele aceita a lei da vida que conhecemos como sendo a vontade de Deus.

Ele se recorda com irritação daquela corrida final em que terminei no hospital ortopédico, e lamenta o dia em que fiz amizade com o pobre do José Fortuoso Sobrinho, o nosso caro Zé da Brahma.

Sei que os desígnios da vida se cumpriram e que nada tenho a reclamar; no entanto, a verdade é que quem fez a disparada do velocímetro, fui eu mesmo.

Pé nos instrumentos, não firme no volante, estrada aberta e aquele sonho de campos verdes.

Mamãe; creio que me supus, por um momento, devorando distância num cavalo de asas, cheirando o mato e vendo o céu azul da campinas, que se perdia à frente dos olhos, e desarticulei meu corpo com esta visão.

A saudade e a aflição de deixá-los veio depois, quando a equipe de médicos amigos conversava em voz muito baixa, para que eu não me percebesse no fim... Mas o fim era somente do corpo, o Espírito que sou eu mesmo, estou cada vez mais vivo que nunca, e agora me apaixonei pelo esporte a que seu coração me conduziu – o esporte da beneficência.

Ganhei tantas palmas repassando carros em corridas sem sentido, e hoje, mamãe; tenho ânsia de correr para ajudar nas casas desprotegidas.

Sei que a senhora com as meninas, Urquiza, D. Raquel, com Augustinha, com D. Lélia, com D. Nenzinha e tantas outras irmãs; desdobram-se no serviço que renda cobertores e roupas, remédios e alimentos para os nossos companheiros desvalidos, que são nossos – mas irmãos mesmos, de Espírito e coração.

Papai fala muitas vezes em filho único, quando junto de minhas irmãs eu nada tinha de único.

Agradeça por mim ao papai tudo que ele fez por nós, auxiliando-nos a cumprir os nossos novos encargos, e peço a ele, por seu intermédio, para que não deixe a tristeza arruinar a nossa casa e nem os nossos negócios.

O amigo Geraldo veio também abraçar a nossa amiga D. Nenzinha, e pede a ela conformação. Nossa bondosa amiga tem estado mais angustiada, à medida que o tempo contado sobre a morte vai se ampliando, como se ampliará sempre até o momento de nosso reencontro.

Mamãe, a questão da alegria é a gente deixar de carregar a si mesmo, aliviando os outros. Hoje, creio que o fardo mais pesado a transportar na Terra é a carga de nós mesmos com os nossos pensamentos condensados.

A senhora pode observar; um dia gasto no trabalho com amor, nos faz mais leves.

O sono vem depressa abençoar as pálpebras da gente, quando ainda se está na Terra, e a alegria que as nossas modestas atividades terão distribuído; reduziram o peso das preocupações que estávamos carregando; mas, se despendemos o dia, carregando apenas a nós mesmos, suportando a massa de nossas ideias tristes, terminamos as horas marcadas para a luz como se estivéssemos depondo no leito um fardo de chumbo, e que se tome tranquilizantes e que se devorem pílulas diversas para esfriar o crânio, senão o sono passa a ser o amigo ilustre que não vem.

Sigamos em nossos caminhos novos.

Estou vendo nossa irmã Elba e outras afeições de Goiânia, dedicadas ao trabalho do bem, e peço a Deus para que estejamos todos unidos.

Sei que a senhora estima que seu filho envie lembranças para todos de casa.

Vamos ver se a memória está funcionando. O primeiro abraço é para meu pai, a quem peço me abençoar. Em outro, procuro reunir a nossa Júlia, a nossa Lau, a nossa Blanche e filhos, a nossa Leilah e a nossa Urquiza com os nossos queridos Carlos, Flávio e Nilson, que são parte da família.

Terei lembrado a todos? Não. Envio um beijo para o anjo que apareceu com a Leilah e outro para o nosso Carlos júnior com a nossa Leandra, que tem andado doente. Não dou palpite porque não tenho conhecimento médico, mas espero em Deus que a nossa garota fique plenamente restabelecida.

Mãezinha; parece que chega, senão entorno as medidas da paciência de nossos amigos.

Henrique abraça a nossa irmã Augustinha, e eu peço ao seu coração guardar em seu Espírito querido o coração inteirinho do seu filho, sempre seu.

Izídio.

#### “O esporte da beneficência”

Nasceu Izídio Inácio da Silva em Buriti Alegre, Estado de Goiás, a 21 de março de 1955, e desencarnou em Goiânia, a 26 de fevereiro de 1974, em consequência de acidente automobilístico.

Filho do Sr. Cacildo Inácio da Silva e de D. Leila Sahb Inácio da Silva, residente na capital de Goiás.

Esperando que o leitor consulte a obra *Enxugando Lágrimas* (págs. 137-153), a fim de se inteirar de todos os detalhes biográficos de Izídio; apontemos, aqui, apenas o essencial da mensagem psicografada pelo médium Xavier, ao final da reunião pública do Grupo Espírita da Prece, na noite de 20 de agosto de 1977, e que constitui o capítulo anterior.

1 - Júlia: irmã do Izídio.

2 - vovó Laudelina: tia Nenê: respectivamente, avó paterna e tia paterna; ambas desencarnadas.

3 - irmã Sílvia: amiga de D. Leila, desencarnada em 1975, que colaborou na confecção de enxovais para gestantes mais necessitadas, todas as segundas-feiras, em intenção do Espírito do Izídio.

4 - amigo Henrique: nosso conhecido; vide mensagens neste livro “somos o que sentimos e reencontro na fronteira de dois mundos”.

5 - Educandário Goiás e Ateneu Dom Bosco: estabelecimentos de ensino, onde Izídio estudou.

6 - fazenda Redenção: situada no Estado do Pará; foi adquirida pelo comunicante, um mês antes de retornar à vida espiritual.

7 - “depois de minha volta de Hidrolândia”: com efeito, o acidente ocorreu depois que Izídio retornara daquela cidade goiana.

8 - hospital ortopédico: local onde o jovem fazendeiro permaneceu por seis dias, em estado de coma.

9 - José Fortuoso Sobrinho, o nosso caro Zé da Brahma: dono do carro sinistrado e que não se encontrava ao volante no momento do acidente, segundo constatou a perícia um ano depois.

Mais uma vez, o Espírito de Izídio vem assumir a responsabilidade da “disparada do velocímetro”, inocentando, por conseguinte, o amigo, que também desencarnou no acidente.

10 - Urquiza, Augustinha, D. Raquel, D. Leila e D. Nenzinha: amigas da família e colaboradoras de D. Leila nas obras assistenciais.

11 - amigo Geraldo: trata-se do esposo de D. Nenzinha, pai de Nilson, desencarnado em janeiro de 1976.

12 - irmã Elba: esposa do professor; Múcio Melo Álvares e amiga da família.

13 - Lau, Blanche e Leilah: irmãs de Izídio, além de Júlia.

14 - Carlos, Flávio e Nilson: cunhados do comunicante.

15 - Carlos Júnior e Leandra: sobrinhos de Izídio, respectivamente, filhos de Lau e de Carlos.

16 - “anjo que apareceu com a Leilah”: o Espírito se refere à pequena Sheilla, filha de Nilson e de D. Leila, nascida a 7 de julho de 1977.

\*\*

Comovedor; sem dúvida, verificamos que o Espírito de Izídio, confessando-se apaixonado pelo novo esporte – o da beneficência -; lembrando-nos o que seja realmente a loteria da vida – trabalhar e servir aos que precisam mais que nós mesmos -; e que o fardo mais pesado a transportar na Terra é a carga de nós mesmos com os nossos pensamentos condensados, emociona-nos quando, “para sorrirmos um pouco”, rememora versos nostálgicos de velho cantador da roça, em sua terra natal, para depois nos conduzir juntos, devorando a distância, num cavalo de asas, cheirando o mato e vendo o azul da campina, para a certeza da vida imortal.

(Apontamentos:

Deveríamos pensar nas razões que, em todas as comunicações que recebemos daqueles que já ‘viajaram’, levam a citar o desapego às coisas e valores materiais, isso já está nos ensinamentos do Mestre Divino há dois mil

anos! Será que nós estamos nos esquecendo dos ensinamentos de Jesus? Será que nós não mais acreditamos num Deus de amor? Estamos tão presos aos valores materiais, imediatos, que somente nos lembramos do Espírito quando nós ou alguém ‘viajou’, está certo isso?)

## REENCONTRO NA FRONTEIRA DE DOIS MUNDOS

Henrique Emmanuel Gregoris

“Veia” querida, auxilie-me com sua bênção.

É isso aí.

Dois anos.

Tempo rápido com tantas realizações que eu não esperava. Realizações das melhores. Minha volta aos braços do pai Gastão, e nosso encontro em nível diferente reencontro na fronteira de dois mundos.

Se alguém supôs que eu estava caído para sempre na roleta da vida, enganou-se de todo, porque a zebra não me apareceu.

Reergui-me do corpo horizontalizado com a íntima alegria de não haver diretamente provocado a ocorrência que nos separou e nos reuniu ao mesmo tempo, mais ainda.

Se eu pudesse, mamãe, secaria todas as suas lágrimas com os meus beijos de gratidão. Afinal, o choro é também meu, mas a porteira que atravessei continua aberta e, por ela seu coração está no meu, tanto quanto conservo o seu comigo.

Quem diz que há cercas eternas?

A morte é apenas um sono profundo no corpo de que o interessado se retira, tão acordado quanto se achava antes de dormir.

Peço-lhe. Não guarde qualquer impressão negativa. O que passou, passou. Deus permanece. E Deus está no amor com que nos amamos.

Já sei que se cometi alguma leviandade, entregando-me ao jogo que terminou com as perdas de meu lado, o seu carinho já me perdoou aquelas setenta vezes sete vezes. E o seu perdão é ainda maior do que supunha conseguir encontrar em seu devotamente.

Conheço as horas em que você se põe a raciocinar, situando-se no lugar das mães e cujos filhos se atribui essa ou aquela culpa na Terra, e compreendo a extensão da bondade com que você reconhece comigo que o lado da cruz é sempre o melhor, especialmente para aqueles que confiam na Providência Divina.

Agradeço as suas lágrimas que me falam sem palavras da sua ternura imensa, mas registro igualmente a minha profunda gratidão pelos pensamentos de paz que você irradia na direção de quantos se envolveram naquela liquidação de débitos em que me vi, naquele dez de fevereiro de dois anos passados.

Agora, é aquele momento em que você nos comunicava a sua opinião, quando lhe expúnhamos algum assunto triste:

- “Deixem isso pra lá”.

Pois é.

Deixemos pra lá o que já se foi, e rendamos graças a Deus por termos saído de tantos grudes e sem teias de aranha na cabeça.

Você pode continuar com suas tarefas de operária do bem com tranquilidade, e seu filho também com tranquilidade consegue agir e aprender a servir em planos diferentes.

Continue, “veia querida”.

Seu esforço é base para muita construção de seus filhos. Eduardo, Ângela e Márcia com este seu Henrique de trabalhadeira, devem aos seus exemplos o que jamais conseguiremos resgatar.

A existência do mundo é uma caminhada que a pessoa realizada julgando-se num lugar único. Muita gente se apega tanto ao que acredita ser e ao que imagina possuir, que acaba na posição da criatura repentinamente desapropriada pela morte de todos os pertences a que inutilmente se agarra, candidatando-se a longos tratamentos da saúde mental. Mas você caminha, porque aqueles que agem a benefício dos outros, estão marchando para frente.

Creia que não estou a papará-la com medalhas que você não precisa e nem pede. Externo apenas o meu carinhoso reconhecimento. Pensando bem, se nós, os filhos, não demonstrarmos gratidão e amor às nossas mães e pais, quem fará isso por nós?

Quem nos terá suportado a infância chorosa e doente nos braços; quem terá velado conosco nos grandes momentos da bronquite e do sarampo? Quem nos terá ensinado a recordar as primeiras palavras e a repetir o nome de Deus?

Se existe um tributo de pessoa humana que somente a infinita bondade do Pai misericordioso consegue pagar, esse é o imposto bendito que devemos aos pais que nos recolheram no mundo.

Deste “outro lado”, penso muito nisto. A dívida cresce quando a consciência se ilumina. E agradeço a Deus o coração de mãe que me guardou íntegro e fiel a mim mesmo no melhor que pude sentir e trazer.

Nossa festa de aniversário está orvalhada de prantos, porque é diferente. É o meu nascimento em outra vida em que o amor é mais forte e mais belo.

Com os amigos presentes, temos conosco alguns dos companheiros mais queridos que vieram para cá de modo mais apressado, isto é, sem a preparação de colher, remédio, aflição e leito.

Vejam: dos que se acham em nossa companhia, enumerá-los-ei por ordem de chegada:

O primeiro da turma de hoje, foi o Jurandir Nascimento, que regressou em maio de 70; o segundo foi o Izídio, em 74; em seguida estou eu, o seu filho Henrique, e, em quarto lugar, temos o nosso Maurício Vieira, que atualmente é quase um rapaz pela maturidade espiritual que já atingiu.

Falo aqui somente dos companheiros acidentados, mas temos amigos outros que nos honraram com a incumbência de fazê-los presentes à lembrança dos familiares queridos.

De todos, pelo imenso amor à família, devo salientar o pedido de nosso irmão Vladimir Casagrande, que nos recomenda dizer à companheira Dona Maria Aparecida Geraldine Casagrande, que ele vai seguindo bem, fazendo quanto pode a fim de adaptar à nova ordem das coisas a que a desencarnação nos compele, e solicita aos filhos queridos – Casagrande Júnior, Walmir e Mônica – prosseguirem auxiliando a mamãe, com a certeza de que a morte não lhe extinguiu o carinho e a presença.

O amigo médico – Dr. Raul Briquet – pede muita serenidade à esposa Dona Cecília, esclarecendo que ambos prosseguem juntos.

E um amigo, que se faz conhecer por irmão Tostes, roga às nossas irmãs D. Maria de Lourdes Tostes Aquino Leite e Tahis Scaglia auxiliarem ao jovem Fernando que as deixou na Terra, há alguns dias, numa provação em que se cumpriram desígnios do passado.

Diz nosso irmão para que a mãezinha dele – Dona Maria de Lourdes -, tanto quanto lhe seja possível, procure consolar-se no clima da religião, sem perder a fé em Deus e sem desejar seguir o filho querido para a região em que nos achamos, pois os sofrimentos dela o alcançam, de maneira dolorosa, de vez que ele lhe escuta os apelos e as palavras de angústia sem poder ainda articular qualquer resposta.

Entendemos isto.

A dor dos que nos amam nos segue nos primeiros tempos do além-morte, qual se fosse uma sobretaxa de aflição, às vezes maior do que a própria aflição que nos toma o Espírito inexperiente.

Peçamos a bênção de Jesus e sigamos ao encontro da vida, porque a vida é de Deus, e devemos obedecer aos planos divinos, conquanto na Terra sejam eles traduzidos em linguagem de sofrimento.

Minhas possibilidades de escrever estão terminando, mas não posso esquecer o seu pedido nas preces últimas – aquele que se refere às notícias do Maninho, do Wade e o Hermilon, que vieram para cá, em novembro passado.

Mãe querida; console os pais que ficaram desolados.

Tenho visto o Maninho e os companheiros. Peço dizer aos nossos amigos, Sr. Lúcio e Dona Maria, que ele está sempre melhor.

O mesmo ocorre com o Wade e com o Hermilon – três valorosos soldados da esperança, que viviam unidos no estudo e no trabalho, e que juntos voltaram integrados na mesma abençoada amizade que os reúne ainda e sempre.

Se possível “veia”; conduza este correio aos nossos amigos Sr. João e Dona Geraldina, Sr. Waldir e Dona Elza -, não sei se estou acertando nomes, pois, ultimamente, somente vi as famílias dos amigos aqui recém-chegados, no jardim, de Campinas, depois das botas de elefante da jamanta que liquidou com o opala, como se as máquinas por aí fossem dinossauros da antiguidade, arrasando a vida por onde passam.

Sabemos que a lei é sempre lei, e, que ninguém foge ao que a lei determina, no entanto, dói ver tantos amigos regressando por atritos das engrenagens do progresso, embora, por aqui, estejamos informados de que muita gente está voltando em plena juventude e em completa meninice, numerosos amigos a se preparem, com mais suficiência, para as tarefas que os esperam no século próximo.

Sei que uma notícia dessa não reconforta mãe nenhuma e pai nenhum, mas a verdade é fria mesmo, e não podemos recusar-lhe pouso, sob pena de ficarmos na sombra de enganos que não devem permanecer.

Nosso querido Maurício beija os pais queridos e a querida vovó Augusta, e declara que está cooperando pela tranquilidade geral, notificando ainda ao nosso amigo Dr. José Vieira, que vem fazendo o possível por auxiliar o vovô Vieira nestes dias, algo mais abatido fisicamente.

Agora, é impossível continuar.

O meu plá ficou numa quilometragem de paralisar, no entanto, embora assim tão grande, está ainda muito longe do tamanho do meu amor e do meu reconhecimento ao seu coração de mãe, sempre mais querido.

Num alô para o Eduardo, peço a ele cuidado com a vida.

Mocidade verde pede amparo dos maduros.

Nosso Eduardo não deve andar tão depressa com as aquisições profissionais, a ponto de parecer que está decolando em tudo. Deus se contenta com a marcha do mundo em nós de trinta horas por dia-noite, e o trânsito em nossas estradas do “por aí” traça um limite aos oitenta. Em voo, não sei a conta porque não entendi de pilotos, mas deve existir um padrão para aqueles que estão escalando os céus com o corpo mesmo.

Aqui, mamãe querida, um ramo de flores com a música do meu coração, que é seu.

Receba-o com muitas lembranças a todos os nossos entes queridos e com todo o amor de seu filho, sempre seu companheiro do coração.

Henrique

- O abraço de meu pai Gastão, em nossa festa.

“O lado da cruz é sempre melhor”

Tanto na mensagem anterior, quanto na que ora analisamos, recebida pelo médium Xavier,



no Grupo Espírita da Prece, na noite de 10 de fevereiro de 1978, Henrique se refere à porteira, batendo na tecla da alegria, ao recordar a toada que cantava no recesso do lar, nos tempos da vida terrestre.

Mais uma vez, volta o Espírito a afirmar “não haver diretamente provocado a ocorrência”, que o reconduziu à vida espiritual, admitindo, porém, ter cometido “alguma leviandade, entregando-me ao jogo que terminou com as perdas de meu lado”.

E se rejubila com o perdão materno.

\*\*

**Autêntico repórter da espiritualidade maior; enumera Henrique os companheiros por ordem de chegada, colocando-se em terceiro lugar.**

**1 - Jurandir Nascimento: amigo desencarnado em acidente, em 1970.**

**2 - Izídio: trata-se de Izídio Inácio da Silva, desencarnado a 26 de fevereiro de 1974, sobre quem falamos na mensagem “pedaço de terra para cultivar esperanças/o esporte da beneficência”.**

**3 - Maurício Vieira: “que atualmente é quase um rapaz pela maturidade espiritual que já atingiu”. O Espírito se refere a Maurício Xavier de Vieira, desencarnado a 17 de maio de 1976, (veja mensagem “o céu é o amor com que nos queremos uns aos outros”), em consequência de queimaduras, por acidente.**

**A propósito do crescimento do Espírito em termos de estatura, sugerimos a consulta aos capítulos 29 e 30 de entre Duas Vidas (1), onde Rosângela, a jovem desencarnada, defronta-se com Tomé, o irmão que partira criança para o além e já se encontra praticamente adulto, na espiritualidade.**

**4 - Vladimir Casagrande: importante o fato de o Espírito de Henrique declinar os nomes de todos os elementos da família Casagrande, residentes à Rua Chile, em Votuporanga, Estado de São Paulo, a pedido do chefe desencarnado.**

**5 - Dr. Raul Briquet: confortadora a recomendação da entidade espiritual, através de Henrique, à sua esposa, D. Cecília, presente à reunião.**

**6 - Irmão Tostes: refere-se a Fernando que, com efeito, desencarnou em acidente.**

**Lourdes Tostes Aquino Leite e Tahis Scaglia – residentes em Brasília – Distrito Federal.**

**Oportuno o lembrete endereçado à D. Maria de Lourdes: “tanto quanto lhe seja possível, procure consolar-se no clima da religião”.**

**7 - Maninho, Wade e Hermilon: amigos de Henrique, desencarnados juntos, em novembro de 1977.**

**São seus pais, respectivamente: Sr. Lúcio e D. Maria; Sr. Waldir e D. Elza; e Sr. João e D. Geraldina.**

**Genial a comparação das jamantas – máquinas modernas – com os dinossauros da antiguidade, arrasando a vida por onde passam.**

**8 - Eduardo: trata-se do irmão do comunicante, entusiasta da aviação civil, a quem tantas vezes Henrique se dirigiu, nas páginas de Enxugando Lágrimas.**

\*\*

**Para concluir este já longo arrazoado, procuremos, leitor amigo, reler o seguinte trecho**

antológico da mensagem, do ponto de vista doutrinário, constituindo-se, por isso mesmo, em verdade fria.

“Sabemos que a lei é sempre lei, e que ninguém foge ao que a lei determina, no entanto, dói ver tantos amigos regressando por atritos das engrenagens do progresso, embora, por aqui, estejamos informados de que muita gente está voltando em plena juventude e em completa meninice, numerosos amigos a se prepararem, com mais suficiência, para as tarefas que o esperam no século próximo”.

“Sei que uma notícia dessa não reconforta mãe nenhuma e pai nenhum, mas a verdade é fria mesmo, e não podemos recusar-lhe pouso, sob pena de ficarmos na sombra de enganos que não devem permanecer”.

\*\*

**Nota: (1) – Francisco Cândido Xavier, Elias Barbosa e Espíritos diversos, “Entre Duas Vidas”, CEC, 3a. Edição, Uberaba-MG, 1978, pp. 89-95.**

**(Apontamentos:**

**Avisos não faltam, ensinamentos também nunca faltaram, falta apenas a nossa adesão plena aos valores espirituais.)**

## SOMOS O QUE SENTIMOS

Henrique Emmanuel Gregoris

**“Veia” querida, abençoe seu filho, enquanto rogo a deus nos proteja a todos.**

**É verdade por dentro do coração.**

**Creia que ainda não havia encontrado uma noite de Natal com a sua companhia, na alegria iluminada de preces e lágrimas, quanto a de hoje.**

**Creia, Dona Augustinha, que o livro da vida é feito de páginas vivas, que as vezes nos sangram o coração. Mas não apenas pelas impressões de interpretação difícil do sofrimento que observamos nos outros, mas, sobretudo de alegria indefinível ante o mergulho de nosso entendimento nas leis de Deus.**

**Agora, vejo melhor.**

**A dor é uma oportunidade. A luta da Terra é um desafio à nossa capacidade de compreender e auxiliar.**

**Hoje, tivemos uma noite da família maior. Em cada criatura que visitamos, via a imagem dos nossos entes queridos. Estranho pensar que precisamos, por vezes, de perder o espólio das células físicas para enxergarmos a realidade.**

**Por aí, a gente promete, promete e promete, mas raramente não se adia a execução dos votos formulados. Não sei realmente se teria penetrado a beleza do Natal, se estivesse aí vestindo a farda do corpo denso.**

**Talvez que numa hora desta, com certeza falaria em Natal, distanciadamente, qual se Jesus houvesse sido no mundo um nome raro ou um grande artista da bondade que nos bastaria admirar.**

**Entretanto, “veia” querida, meus companheiros de festa, hoje, em sua companhia, foram meu pai Gastão, foi o amigo Oscar e o meu avô Manoel e o meu tio Labieno, sem falar do nosso caro amigo Alvicto e outros muitos que partilhamos a visitação fraterna, em nome do eterno amigo.**

**O nome de Jesus soou nesta noite para seu filho com novo sentido. O nome santo que eu nem sempre soube entender, demonstrava o pranto de alegria dos enfermos algemados aos catres de purgação, significava a expectativa de tantas crianças que fitavam o pão como quem encontra um tesouro; expressa a esperança das mães agonizadas de dor com a perda de filhos queridos, e me obrigava a refletir que as provações alheias são talvez sempre mais complicadas e mais dolorosas do que as nossas.**

**E aqui a caravana fazia pausa, a fim de ouvir os irmãos “do avesso” – o lado em que nos encontramos -, a região dos que perderam o corpo físico e ainda não conseguiram desvincular os pensamentos, desarraigando-os da Terra ou das situações obscuras da Terra.**

Não sei aclarar para vocês o que se passa com a gente, por aqui. Um nó na garganta parece atar as ideias na cabeça e liberar as lágrimas no coração. O cérebro se prende ao dever de meditar sobre nós mesmos, e o Espírito de júbilo pela possibilidade de se redescobrir.

Recebi tanto de você e doei tão pouco, mas tão pouco em se referindo a mim mesmo: tive um pai maravilhoso, e em você o anjo maternal que me guiava sem que eu quisesse aceitar de todo o caminho que a sua ternura me indicava, um irmão amigo em nosso Eduardo, irmãs queridas em Márcia e Ângela, e outros irmãos devotados no Mário Lúcio e no Luiz Antônio.

Tive o tio Wilson a me obter trabalho e a tia Gilca, que é sempre um retrato de sua bondade maternal -, entretanto, penso no que poderia ter feito e não fiz. Você dirá que não é assim, que fui um modelo no seu figurino de virtudes, e compreendo que toda mãe é assim mesmo – “um anjo de Deus velando sobre nós”. Mas por dentro de mim, vou recolhendo instruções para uma iniciação que me conduza a uma vida superior. Digo assim, porque agora percebo que a paisagem externa é o nosso próprio reflexo.

Somos o que sentimos, vivemos naquilo que pensamos, e criamos naquilo que estejamos fazendo, uma página humana ao vivo, vele por muitas lições lidas.

Peça, querida mãe, a Deus por seu Henrique. Desejo melhorar-me, compreender e fazer alguma luz nas sombras de meu Espírito. Os exemplos de serenidade e paz dos corações humildes são luzes que nos descobrem perante nós mesmos.

Até confrontarmos as nossas provas com as dificuldades dos outros, as escamas do egoísmo nos recobrem a visão, e caminhar para diante escalando as pedreiras do progresso espiritual é muito difícil para os destreinados, qual ainda sou, distanciado que vivi das telas de angústias silenciosa de tantos que sabem aceitar a dor por instrutora íntima de nossas experiências.

Agradeço o natal que o seu carinho me deu, e embora me reconheça de mãos vazias, ofereço a você a renovação de minhas promessas de rapaz, no sentido de seguir cada vez mais integrado no ritmo de seus passos, no anseio de elevar-me aos cimos do bem, não há pretensão nos meus anseios, porquanto, confesso com os meus desejos a incapacidade espiritual em que ainda me encontro para a identificação mais ampla dos ensinamentos do Cristo. Deus acumule as suas reservas de abnegação e paciência no caminho em que jornadaemos juntos, de vez que nos achamos escorados em seu carinho e em seu trabalho.

“Veia”, você tem razão como sempre. Necessitamos aprender a servir com intensidade constante e crescente e crescente. Não importa que alguém nos considere birutas pela fé religiosa. É preciso esquecer essas jogadas dos que brincam de viver e sacar a verdade de nós, por nós mesmos.

Silêncio para qualquer apontamento irônico.

Os que adoram indiferença ou sarcasmo, voltarão um dia ao rumo certo. E quem avança na estrada, não dispõe de tempo a fim de passar recibo em ofensa, ou retirar sarrafos que se nos atirem. O próximo é a ponte ou o viaduto, em que nos aproximamos cada vez mais de Deus, quando seguimos adiante, procurando auxiliar e esquecer.

Mãe querida, muito obrigado. É tudo o que lhe posso dizer.

Agradeço a você não ficar parada em casa, cozinhando lembranças amargas. Estamos juntos e caminharemos unidos para frente. Você, “veia”, está me apontando a senda verdadeira para o reencontro com a família maior, em que todos nós integramos.

Nosso Alvicto abraça a nossa Leila, e pede-lhe prosseguir na humildade e no silêncio de mãe, em que ela vem conhecendo sob novos prismas. Ele declara que a filha Simone, tanto quanto o Luiz e o Antenorzinho, estão sempre em seus braços de trabalhador – braços de vigilância e carinho com que nosso amigo continua velando pelo campo doméstico. Ninguém consegue desinteressar-se do mundo, no que se reporte ao mundo daqueles que lhe são amados. Estamos todos magneticamente interligados uns com os outros, na marcha. Dia a dia, a melhora vai pintando em nós um novo quadro de compreensão humana. Por isso é que peço a você muita serenidade e confiança em Deus e na vida.

Enquanto a porteira estiver fechada do lado de cá, isso é sinal de que o seu menino

Henrique não pode abri-la. E isso acontece “veia”, porque as leis de Deus querem você ainda por aí, nas tarefas do auxílio.

É preciso fazer força e aceitar a luta que se nos oferece.

A evolução é vagarosa.

A cabeça não dá para conter todos os ensinamentos da vida, de uma só vez, e nem o coração é caixa forte, tão forte, que consiga guardar todas as emoções de que necessitamos para a promoção.

Hoje é um contratempo, amanhã uma desilusão, depois de amanhã é uma prova maior contendo novas exortações, e a gente vai indo...

De quando em quando, um companheiro tropeça ou cai ribanceira abaixo, mas a equipe estaca, na medida possível, e presta socorro indispensável ao companheiro em problemas de omissão.

De qualquer modo, regozijemo-nos. Regozijemo-nos porque um Natal diferente está acontecendo em nós.

Amigos diversos se reúnem agora conosco.

Um deles, o nosso caro Júnior, solicita seja você a intérprete do carinho e das lembranças dele à família. Sem dúvida, comunicou-se atarantado qual nos ocorre muitas vezes, e deu a impressão de que usou cerimônia e algum desinteresse para com os parentes. Mas não é fácil escrever pela mediunidade, ao redor de muita gente. Se nos internamos em ternura, mesmo autêntica, para com os nossos entes amados, fornecemos a impressão de Espíritos agarrados às convenções humanas, e se evidenciamos algum equilíbrio, exportamos a ideia de que andamos por aqui desmemoriados ou indiferentes.

Mas não é bem assim.

Quando nos expressamos na mediunidade pelas primeiras vezes, parecemo-nos com os estreantes de palco. Muitas vezes, esquecemos o papel a representar, e fica a impressão de que estamos distantes daquilo que é mais nosso.

Sigamos, porém, para frente, contando as bênçãos, e a soma das bênçãos excederá de muito a conta dos nossos supostos lapsos de atenção.

A vida é um cântico de amor, e não existem notas dissonantes suscetíveis de desfigurá-lo.

Amar-nos-emos sempre, e amar-nos-emos cada vez mais.

“Veia” querida, por meu pai Gastão e por todos os nossos, deixamos aqui, a você, os nossos votos de feliz Natal e feliz Ano Novo, entendendo sempre que a nossa felicidade real se inicia do ponto em que começamos a trabalhar em favor dos outros.

Terminando, peço a você dizer ao tio Wilson que o tio Jorginho tem visitado a todos os nossos, e que vem se promovendo cada vez mais no serviço ao próximo – escola em que nem todos aceitam com facilidade, onde estamos.

A todos os nossos; aquele plá do Natal, carregado com as diferenças que estou registrando; aceitar Jesus mais e permanecer menos conosco, de vez que só Jesus nos arranca de nossos pensamentos inferiores.

Muita alegria e paz a todos, e para você, querida Dona Augustinha, o coração de seu filho na forma de uma estrela de esperança, a esperança de merecer o seu carinho e prosseguir aprendendo com os seus passos.

Muitos beijos em sua frente querida, com todo o carinho e gratidão de seu filho, sempre cada vez mais seu.

Henrique.

“Alegria iluminada de preces e lágrimas”

Remetendo o leitor à obra *Enxugando Lágrimas* (1), onde comparece Henrique e existem dados biográficos mais extensos sobre o jovem autor espiritual, limitemo-nos, aqui, aos elementos indispensáveis para o estudo do capítulo a que denominamos “somos o que sentimos”.

Filho de Gastão Henrique Gregoris e de D. Augusta Soares Gregoris, nasceu Henrique

Emmanuel Gregoris em Goiânia, a 7 de julho de 1952, aí desencarnando a 10 de fevereiro de 1976, em consequência de acidente com arma de fogo.

O amigo com quem Henrique se encontrava, no local da ocorrência, foi, meses depois, absolvido pela justiça.

A família Gregoris, não concordando com semelhante determinação, apelou à instância superior, mas, para surpresa de todos, o médium Chico Xavier, dois dias depois, em Goiânia, pessoalmente, transmitiu o recado do Espírito de Henrique, solicitando à D. Augustinha que perdoasse o amigo.

E assim foi feito.

\*\*

1 - “Veia”: Henrique prossegue usando o tratamento carinhoso, ao se dirigir à sua genitora.

2 - Pai Gastão: amigo Oscar, avô Manoel, tio Labieno e amigo Alvicto: sobre os nomes citados – Gastão Henrique Gregoris; Oscar Masaaki Tsuruda; Manoel Soares; Labieno Soares e Alvicto Osoris Nogueira – cf. *Enxugando Lágrimas*, págs. 63-68 e 94-136.

3 - Eduardo, Márcia e Ângela: irmãos de Henrique.

4 - Mário Lúcio e Luiz Antônio: cunhados do comunicante.

5 - Tio Wilson e tia Gilca: trata-se do Sr. Wilson e D. Gilca Fidalgo, residentes em Brasília, D. F.

6 - Lélia, Simone, Luiz e Antenorzinho: familiares do Espírito de Alvicto, residentes e muito estimados em Goiânia.

7 - Júnior: o Espírito se refere a Juarez Távora de Azeredo Coutinho Júnior, filho do Sr. Juarez Távora de Azeredo Coutinho e de D. Glória Coutinho, desencarnado em acidente, a 15 de dezembro de 1976.

8 - Jorginho: alusão ao filho do Sr. Jorge Fidalgo e de D. Maria Fidalgo, desencarnado, há alguns anos, em Brasília, D. F., vítima de acidente.

A mensagem de Henrique, psicografada pelo médium Xavier, em sua residência, na noite de Natal – 24 de dezembro de 1977, em Uberaba, Minas Gerais, com efeito, dá-nos o que pensar.

Observemos, apenas, os seguintes passos:

A) - “somos o que sentimos, vivemos naquilo que pensamos, e criamos naquilo que estejamos fazendo. Uma página humana ao vivo, vale por muitas lições lidas. Quando as criaturas humanas compreenderem a realidade desta passagem, a nosso ver, a Terra já terá passado à condição de mundo de regeneração. Que todos nós, sem perda de tempo, principalmente os que lavram o campo da paternidade e da maternidade, nos conscientizemos de que semelhante verdade, a fim de que possamos colaborar para que a Terra, o quanto antes, conclua o seu abençoado estágio de mundo de expiação e provas”.

B) - sobre o egoísmo, cujas escamas nos recobrem a visão, consultemos os nos. 913 a 917 de *O Livro dos Espíritos*, e o no. 11 do cap. XI de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, ambos de Allan Kardec.

C) - “necessitamos aprender a servir com intensidade constante e crescente. Não importa que alguém nos considere birutas pela fé religiosa. É preciso esquecer essas jogadas dos que brincam de viver e sacar a verdade de nós, por nós mesmos”. – quantos há que se afastam

das atividades religiosas, com medo de que alguém os tenha à conta de fracos? Lembremos, a propósito, das palavras do codificador do espiritismo, ao final da questão no. 148 de O Livro dos Espíritos, quando nos recorda que se a nossa sociedade fosse fundada sobre o materialismo, “os seus membros se despedaçariam entre si, como animais ferozes”.

D) – depois de nos recomendar “silêncio para qualquer apontamento irônico”, - e de nos mostrar que a evolução é longa, e de que é preciso fazer força e aceitar a luta que se nos oferece, arremata Henrique.

“de qualquer modo, regozijemo-nos. Regozijemo-nos porque um Natal diferente está acontecendo em nós”.

**Nota: (1) – Francisco Cândido Xavier, Elias Barbosa e Espíritos diversos, Enxugando Lágrimas, IDE, Araras (SP), 2a. Edição, 1979, pp. 111-136.**

(Apontamentos:

E chegamos ao final do livro... Será que um, e apenas um leitor, se transformará com a leitura dessas mensagens? Tomara que sim! A nossa enorme dificuldade em ‘aceitar’ e ‘viver’ mais os valores espirituais são as causas de desequilíbrios nos desencarnes. Estudar não faz mal para a saúde, sempre acharemos um ‘tempinho’ para os estudos, principalmente da Doutrina dos Espíritos. Na Doutrina Espírita não há ritualismos, não há obrigações de ordem material, não há formalismo, não há mistérios de iniciados. Cada um estuda a Doutrina da forma que melhor lhe convêm e a Casa Espírita servirá como local para, apenas, tirar dúvidas. Vamos estudar?)

**FIM**